

ALINE FONSECA CARVALHO

A IMPRENSA ESCRITA E O DIA DE TIRADENTES
DE 1950 A 2002

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

A meus pais e minha irmã.

/

Agradeço aos meus pais, a minha irmã, às minhas amigas Juliana, Paola, Sâmya, Gabrieia e Natália, ao Giu e ao meu orientador.

RESUMO

Este é um estudo da comemoração, do dia 21 de abril, realizada em Ouro Preto de 1950 a 2002, a partir das leituras das notícias veiculadas, nos jornais *O Estado de Minas* (estadual) e *O Liberal* (da região de Ouro Preto). Analisando o discurso jornalístico e as publicações dos discursos proferidos por personalidades convidadas para serem oradores, foram identificados esforços para implantar no inconsciente coletivo ideologias legitimadoras de ações políticas que se apresentam, principalmente, nas mudanças de governo e o reforço dado ao mito de Tiradentes.

ABSTRACT

This is a study of the commemoration, of April 21, accomplished in Ouro Preto since 1950 to 2002, starting from the readings of the transmitted news, in the newspapers *Estado de Minas* (state) and *O Liberal* (of the área of Ouro Preto). Analyzing the journalistic speech and the publications of the speeches uttered by personalities invited for us to be speakers, were identified efforts to implant in the unconscious collective ideologies legitimators of political actions that come, mainly, in governments changes and the reinforcement given to Tiradentes' myth.

SUMARIO

1. Introdução.....	6
2. Tiradentes: o mito.....	9
3. A imprensa escrita e o 21 de abril de 1950 a 2002.....	18
2.1. O populismo e Tiradentes.....	18
2.2. Os militares e Tiradentes.....	55
2.3.A reabertura e Tiradentes.....	91
4.Conclusões.....	119
5. Bibliografia.....	121
6.1. Livros citados e/ou consultados.....	121
6.2 Fontes primárias.....	124

INTRODUÇÃO

Tiradentes quando se engajou no movimento inconfidente, jamais poderia prever o que seria feito de sua imagem no futuro republicano brasileiro.

Embora a independência total de Portugal não fosse um objetivo claro dos inconfidentes. A Inconfidência Mineira ficou nacionalmente conhecida como movimento para a libertação do território brasileiro do poder da coroa portuguesa.

José Murilo de Carvalho descreveu, habilmente, o processo de formação do ideário republicano incluindo a questão da escolha e procedimentos adotados para a formação de um herói nacional - no caso Tiradentes.

Depois da delação os inconfidentes foram presos, condenados ao exílio e tiveram seus bens confiscados. Apenas Joaquim José da Silva Xavier - o Tiradentes — foi condenado a forca e esquartejamento.

A execução do alferes aconteceu no dia 21 de abril de 1792, no Campo da Lampadosa, Rio de Janeiro, mas após o esquartejamento sua cabeça foi transportada para a cidade de Vila Rica e ficou exposta em praça pública, a fim de promover o temor popular frente à impiedade da coroa portuguesa.

Quase um século depois, várias transformações ideológicas trouxeram o nome deste inconfidente o transformando em mártir da Independência.

Para firmar e continuar com o mito de Tiradentes, o dia de 21 de abril tornou-se feriado no Brasil. Todo ano nesta data são prestadas muitas homenagens ao mártir: seja em colégios, em igrejas ou em praças públicas como é o caso de Ouro Preto.

Nesta passagem Nestor Garcia Canclini faz uma descrição que se encaixa bem no que acontece nas comemorações em Ouro Preto:

O que se define como patrimônio e identidade pretende ser o reflexo fiel da essência nacional. Daí que sua principal atuação dramática seja a comemoração em massa: festas cívicas e religiosas, comemorações patrióticas e nas sociedades ditatoriais, sobretudo restaurações. Celebra-se o patrimônio histórico pelos acontecimentos fundadores, os heróis que os protagonizam e os objetos fetichizados que os evocam. (CANCLINI, 1987, p.163)

Foi assim que Tiradentes foi incorporado como elemento da identidade nacional. E foi por estes fins que Juscelino Kubitschek iniciou a tradição de se comemorar o dia de Tiradentes, todos os anos na cidade de Ouro Preto.

Neste trabalho procurei discutir a questão da transmissão de ideologias políticas ou de reafirmação mitológica em torno de Tiradentes. Observando as notícias veiculadas, principalmente, pelo jornal *Estado de Minas*, tanto nas programações, nas listas de convidados, nos discursos proferidos no palanque oficial e nas manifestações remontei toda a trajetória da festa desde sua criação até o ano de 2002.

É importante que se tenha um olhar crítico sobre os acontecimentos e sobre os elementos que compõe as solenidades do dia de Tiradentes.

Não usei somente o *Estado de Minas*, tentei complementar a discussão com visões de outros periódicos como o *Binômio* e *O Liberal*. —

O primeiro jornal citado acima foi eleito o principal por fornecer informações completas e precisas em quase a totalidade do período abordado. O *Binômio* trata-se de um jornal humorístico de crítica política, mas fechou em

1964 por ocasião da implantação do regime militar, reduzindo assim a possibilidade de dar suporte á pesquisa como fonte fixa. E *O Liberal*, por se tratar de um jornal local, apresentou-se como uma interessante fonte comparativa, mas não apresentou uma cobertura completa além de só atender o período pós-militar, pois foi fundado no segundo semestre de 1988.

Este é o resultado da pesquisa. Após exaustiva busca de fontes e dedicação está concluído o trabalho que aborda a festa de Tiradentes de 1950 a 2002.

TIRADENTES: O MITO

"Inconfidência: 1- falta de fidelidade, especialmente para com o soberano ou o Estado. 2- revelação de segredo (s)".(LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Luft*.p. 383.)

Ao pensar a ação da Inconfidência Mineira, a partir do significado da palavra inconfidência, pode-se dizer que ela cumpriu sua função. Não chegou a ser uma conjuração, pois os planos não chegaram às vias de fato, mas só por terem ousado conspirar contra a coroa portuguesa já se tratou de falta de fidelidade para com o soberano e conseqüentemente contra o Estado português, portanto os inconfidentes fizeram uma inconfidência.

De acordo com Donatello Grieco, a Inconfidência Mineira não saiu do âmbito das aspirações. Logo na introdução de seu livro *História Sincera da Inconfidência Mineira* encontra-se a frase:

A Inconfidência é uma série de diálogos de sonhadores que se uniram em torno das mesmas idéias e que tiveram suas vidas cortadas pela justiça implacável que lhes aplicou penas infamantes muito desproporcionais em face das reais características dos atos delituosos.(GRIECO, Donatello, 1990,p.10.)

Ou seja, a Inconfidência não passou de planos. Aliás, este é um ponto comum na historiografia da Inconfidência Mineira. As divergências estão quanto a reconstituição das reais intenções dos conjurantes e quanto a liderança do pretendido levante.

O fato é que em fins da primeira metade do século XIX intensificaram-se as disputas entre simpatizantes do regime republicano e do regime monarquista. E como a Inconfidência Mineira, se desenrolou enquanto o Brasil era colônia portuguesa e pretendia entre outras coisas deixar de ser colônia e decretar a independência, pelo menos das províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, despontou como prato cheio para compor o ideário republicano. É importante ressaltar que as províncias de São Paulo e Rio de Janeiro só foram incluídas nos planos de independência, porque o apoio destas era de suma importância para o sucesso do movimento.

Disse a pouco, deixar de ser colônia e decretar a independência, mas não disse decretar a independência e tornar-se república. Isto porque as intenções de virar república, segundo alguns autores como Joaquim Norberto de Souza Silva, Kenneth Maxwell e Luiz Carlos Villalta, por exemplo, apontam até três vertentes entre os próprios inconfidentes quanto ao regime de governo a ser adotado após a tomada do poder. Observe que estes autores não são contemporâneos tendo o primeiro escrito a obra *História da Conjuração Mineira* em 1873, o segundo autor de *A Devassa da Devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal (1750-1808)* em 1978 e o último que escreveu *Virando Séculos - 1789-1808 O império luso-brasileiro* em 2000.

A Inconfidência Mineira foi, aliás, ainda é tratada como movimento pela instauração da república, mas

Embora alguns inconfidentes, inspirados na Revolução Americana, falassem claramente em república não é certo que houvesse concordância quanto ao

regime político a ser adotado: Alvarenga Peixoto queria ser rei e atribuía a sua mulher a posição de rainha; em vários momentos, outros inconfidentes deixaram entrevistas suas simpatias pela monarquia e, mais do que isso, o anseio pela instalação na América da sede do império luso-brasileiro ou, ao menos, de um monarca lusitano.(VILLALTA, 2000, p. 50.)

Outro ponto de concordância na historiografia da Inconfidência Mineira é a origem do pensamento revolucionário do qual este grupo se embebeu: a Independência das colônias Inglesas da América e o pensamento Iluminista.

O estudante brasileiro, José Joaquim da Maia, se encontrou com Thomas Jefferson, que era embaixador dos Estados Unidos em Paris. Eles discutiram sobre os planos revolucionários dos revoltosos brasileiros, sobre a recente revolução norte-americana e sobre as possibilidades de os Estados Unidos darem apoio à uma possível conjuração pela independência da colônia portuguesa na América. Quanto ao apoio, este foi negado seguido da explicação de que os Estados Unidos não queriam se indispor com Portugal, mas que a independência daquela região seria de grande interesse, sobretudo comercial, aos norte-americanos. Maia, que faleceria pouco tempo depois deste episódio, tornou-se amigo de José Álvares Maciel que a par das respostas de Jefferson procurou discutir com empresários fabris europeus sobre a possibilidade da colônia portuguesa na América seguir o exemplo norte americano e obteve respostas positivas, tanto que principalmente em *A devassa da devassa*, Maxwell dá a entender que as idéias trazidas por Maciel foram importantíssimas para o começo da idealização da conjuração.

Os inconfidentes eram pessoas de nível cultural elevado. Todos eles eram letrados. Nas bibliotecas dos apontados como os homens que redigiram a

constituição após a independência encontravam-se livros como, *Recueil de Loix Comtitutives de l'Amerique* e *Histoire de l'Amerique* de Robertson entre outros. Pelo teor das leituras é possível avaliar porque José Mutilo de Carvalho disse em sua conferência em um seminário realizado na ocasião do aniversário de duzentos anos da morte de Tiradentes que o ideário da Inconfidência era extremamente norte-americanizado.

A maior parte dos autores, que defendem a inconfidência como movimento em prol da instalação da República e Tiradentes como líder e herói da conjuração, fez uma leitura linear das fontes primárias, principalmente dos *Autos da Devassa*, como bem lembrou Thais Nívea de L. e Fonseca.

Para estes autores, Tiradentes foi o idealizador da conjuração, o inconfidente mais engajado e que por isso teria sido condenado sozinho à força enquanto os outros vinte e três condenados por inconfidência foram liberados da pena capital. Defendem ainda que o alferes Silva Xavier teve comportamento de herói na ocasião do enforcamento, aliás, Oliveira Lima em sua obra *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* não deixa clara sua posição quanto ao "heroísmo" do alferes em sua atuação como inconfidente, mas fez questão de elogiar a conduta dele frente à condenação e ao enforcamento quando escreveu:

É certo que a figura de Tiradentes tomou na força proporções verdadeiramente heróicas, que até ali haviam faltado ao oficial loquaz,(...) Em meio da fraqueza de muitos e da covardia de alguns, foi ele o único verdadeiramente calmo e forte. Um belo sorriso, ao que parece, irradiou-lhe o semblante quando o mártir soube que unicamente para si a pena capital não havia sido comutada (...). (LIMA, 2000, p 132.)

A primeira contestação veemente à visão de Tiradentes como herói da Inconfidência foi escrita em 1873 por Joaquim Norberto de Souza Silva. Depois desta obra, muitos outros autores defensores da hipótese oposta criticaram José Norberto refutando ponto por ponto tudo o que ele havia dito acerca da participação de Tiradentes como inconfidente. Um chegou a dizer que José Norberto escrevera o que escrevera porque "como monarquista e amigo pessoal de Dom Pedro II, numa época de pleno apogeu do prestígio nacional e internacional do imperador, Joaquim Norberto sentiu-se no dever de combater as idéias republicanas". Pouco depois a aversão deste autor respinga na obra de K. Maxwell *A Devassa da Devassa* quando diz "Ainda recentemente, Kenneth Maxwell, em *A Devassa da Devassa*, reproduziu todas as afirmações falsas do autor carioca (Joaquim Norberto) que, curiosamente não está mencionado na bibliografia do brasilianista."(BARBOSA, 1993)

As obras que tem por função resgatar a "heroicidade" do mártir da Inconfidência mineira não acrescentam nada ou quase nada umas às outras. Escolhi para representar esta facção da historiografia da Inconfidência Mineira a obra que considerei a mais elogiosa às qualidades daquele personagem: *História Sincera da Inconfidência Mineira* de Donatello Grieco.

Para começo de conversa o capítulo de número treze se chama *Tiradentes, "o primeiro motor de tudo"*. Ao escrever uma espécie de biografia resumida de Silva Xavier, Grieco constrói uma imagem de homem extremamente honesto, simpático e bem intencionado, mas sem sorte, como se as coisas para ele simplesmente não dessem certo por acaso.

Tiradentes "integra patrulhas que escoltam até o Rio as tropas que transportam ouro e pedras. (...) Em 1881 comanda o posto de vigilância no caminho do Rio, entre Matias Barbosa e Igreja Nova com o encargo de reprimir o contrabando na serra da Mantiqueira." No próximo parágrafo Grieco emenda "nesse posto, em numerosas oportunidades, deve o alferes ter verificado que não era incomum o exercício do contrabando por pessoas de todo tipo"(GRIECO, D, *História Sincera da Inconfidência Mineira.p.81*) sugerindo assim que ele, Tiradentes, não tinha qualquer envolvimento nem sequer intenções de participar das atividades do contrabando.

Segundo Luiz Carlos Villalta, um dos motivos de maior revolta do alferes contra o Visconde de Barbacena foi o fato de este tê-lo afastado do posto de vigilância suspendendo assim suas fontes de lucro propiciadas pelo contrabando.

Mas retornando à visão romantizada da índole de Joaquim José da Silva Xavier, outro aspecto apontado por Grieco foi a extroversão a capacidade de se comunicar. Não que os autores que têm outra visão de Silva Xavier não tenham mencionado esta faceta da personalidade deste homem, mas eles não a vêem sob a mesma perspectiva. O primeiro atribui a liderança do movimento ao fato de o personagem ser extrovertido e simpático, com eloquência suficiente para unir e persuadir pessoas de nível de instrução elevado a participar de um movimento pela libertação das Minas Gerais. Por outro lado, Joaquim Norberto, representante da outra facção de pensadores da Inconfidência, imputa à extroversão do alferes a antipatia que Cláudio Manuel da Costa entre outros inconfidentes nutria por ele.

Havia o Tiradentes propagado por toda parte o boato de que contava o Rio de Janeiro com o socorro da França para a proclamação da independência; deram-lhe uns créditos, duvidaram porém outros, e entre estes colocou-se o dr. Cláudio Manuel da Costa(...). Pois não acreditou na propaganda do inexperiente alferes, a quem qualificava de estúpido com toda a sinceridade de sua alma.(SILVA, 1948 ,p. 107)

Não concordo com a visão de herói ímpoluto, por várias razões. Primeiro porque me parece claro que as fontes utilizadas na confecção das obras não foram interpretadas criticamente. Não é preciso ler, nem comparar estudos sobre a inconfidência para saber que uma pessoa com as características de Tiradentes preenche os pré-requisitos de bode expiatório. Com esta afirmação não quero dizer que o alferes não teve importância como inconfidente, mas como acabo de falar ele era sim um alferes, um oficial do exército, mas da mais baixa patente. Como descreveu K. Maxwell Tiradentes era

solteiro, de 40 anos, o militar vivia em moradia alugada na cidade. Nem oligarca nem artesão, situado desconfortavelmente entre eles, tinha o perfil cultural dos primeiros, mas desempenhava uma atividade profissional secundária mais à feição dos últimos.(MAXWELL, 1978, p. 143)

Em contrapartida acho a dissertação de Joaquim Norberto muito agressiva. A impressão que me causou é de que a principal das intenções era desfazer a imagem almejada pelos republicanos. A leitura das fontes documentais é crítica, o que é bom, mas existe um excesso de agressividade ao descrever as ações e a relação do alferes com os outros inconfidentes. Kenneth Maxwell, que pertence à mesma vertente que Joaquim Norberto, fez uma leitura crítica, mas sem dar a impressão de estar comprometido em denegrir a visão de Tiradentes e sim em

elucidar os fatos. Um exemplo da diferença de tratamento para com Tiradentes entre os dois autores é o modo com que cada um fala do destino que o Visconde de Barbacena receberia na conjuração. Primeiro Joaquim Norberto:

Pediu o Tiradentes para si a ação maior e de maior risco nesta conjuração, mas fê-lo de maneira tão extravagante, que tornou o sublime em ridículo e provocou riso. Ofereceu para ir a Cachoeira prender ou matar o governador Visconde de Barbacena pois era o primeiro passo a dar-se. (SILVA, 1948, p.118)

Agora a mesma informação dada por Kenneth Maxwell:

Quando os Dragões fossem convocados para enfrentar a multidão, Freire de Andrade deveria atrasar-se até que o alferes tivesse partido para Cachoeira. Introduzindo-se na escolta do governador ele prenderia e executaria Barbacena, voltando então para Vila Rica. (MAXWELL, 1978, p.142)

Concordo com Thais Nívea de Lima e Fonseca, quanto à sua opinião sobre este último autor:

Kenneth Maxwell, em seu *A devassa da devassa* verticalizou a análise aprofundando-se na documentação mais conhecida da inconfidência, articulando-a a outras fontes, propondo uma abordagem inovadora e mais complexa do movimento. Não obstante, cuidou de não negligenciar os indivíduos que dele participam, na medida em que fixou, na análise da teia de relações sociais estabelecidas entre os grupos atuantes na Inconfidência, um dos alicerces de sua reflexão. (FONSECA, 1999, p.125.)

Em *A formação das almas* José Murilo de Carvalho dedica um capítulo ao processo de mitificação do mártir da Inconfidência Mineira. Justifica a escolha deste personagem porque dentre as outras opções este era o que agradaria a maior

parte da população nas mais diversas divisões sociais. Por exemplo, agradaria aos militares porque era alferes e aos religiosos porque morreu como um religioso e de acordo com as representações pictóricas se assemelhava à imagem de Jesus Cristo.

Aliás, José Murilo atribui à aproximação de Tiradentes a Jesus à uma interpretação imprópria de uma passagem do livro *História da Conjuração Mineira* que "segundo Norberto, tinha escolhido morrer com o credo nos lábios em vez de o fazer com o brado de revolta - viva a liberdade! - que explodira do peito dos mártires pernambucanos de 1817 e 1824." (CARVALHO, 1990, p.63.)

Estou de acordo com José Murilo de Carvalho quando este fala da importância da obra *História da Conjuração Mineira*. É notório que esta obra se tomou referência para os autores posteriores a ela tanto porque apresentou novos documentos quanto por seu posicionamento polêmico. Se até hoje encontramos historiadores dispostos a contestá-la ou a exaltá-la na época em que foi publicada pela primeira vez no ano de 1873 deve ter causado um estardalhaço.

Para fechar este assunto escolhi um trecho da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* de Bakhtin que se encaixa perfeitamente no pensamento desenvolvido por José Murilo:

A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (BAKHTIN, 1995, p.47)

A IMPRENSA ESCRITA E O 21 DE ABRIL DE 1950 A 2002

O Populismo e Tiradentes

A América Latina presenciou a partir dos anos 30 a aparição muitos de governos populistas. A historiografia sobre o fenômeno do populismo tem opiniões diversas e por vezes até contraditórias sobre os malefícios e benefícios de tal regime, mas concorda quanto ao aspecto demagógico inerente a seus governantes. O populismo caracteriza-se pela aproximação com o povo, especialmente a população urbana, até porque como disse Octavio Ianni as ações eram destinadas a "impulsionar o desenvolvimento econômico, particularmente a industrialização, ou substituição de importações".(IANNI, 1989, p.11)

O populismo assinala a transição de uma sociedade agrária para a modernização, ou melhor, urbanização. No Brasil veio substituir um sistema de governo que privilegiava - sem disfarces - a oligarquia cafeeira passando a dar atenção às necessidades urbanas. Aproveitando-se da má organização, aliás, dá falta de informação do proletariado ainda nascente, firmou-se como solucionador de problemas, como representante destas massas, através de discursos demagógicos e de pequenas concessões travestidas em realizações em prol do bem estar popular. No livro *Ideologia e populismo* Guita G. Debert discute varias

definições de populismo uma delas se encaixa perfeitamente no quadro apresentado acima:

O populismo constitui uma relação pessoal entre um líder e um conglomerado de indivíduos, relação esta explicada através do recurso à idéia de demagogia, nem sempre claramente definida. Segundo esta concepção o líder populista não aparece como um verdadeiro político, mas sobretudo como um aproveitador da ignorância popular, e as massas, na sua irracionalidade, não constituem fundamento para qualquer tipo de política. O populismo desse ponto de vista, seria, pois, um fenômeno pré-político ou parapolítico. (DEBERT, 1979, p.1)

O mártir da Inconfidência Mineira - Joaquim José da Silva Xavier - foi promovido a herói símbolo da independência brasileira. Embora o trabalho com a imagem de Tiradentes já estivesse em andamento, este só se tornou herói com a proclamação da República em 1889. Desde então se multiplicaram as representações artísticas inspiradas no mártir, ele ganhou nomes de praças, ruas, estabelecimentos comerciais e até a cidade onde nasceu mudou de nome, passando de São José Del Rei para Tiradentes. À medida que o tempo passava cresceram as homenagens ao martírio de Tiradentes e a utilização do dia dedicado a ele para legitimar ações políticas. É claro que o populismo brasileiro também se serviu desta data para compor seu esquema ideológico.

O dia 21 de abril se tornou feriado em Minas Gerais no ano de 1949 por determinação do governo estadual quando foi posto em vigência o decreto 9.913 de 18 de abril de 1931 (ESTADO DE MINAS, 1950). Neste ano de 1949 e nos outros dois anos que se seguiram, as comemorações de maior expressão aconteciam na capital do estado, Belo Horizonte. Estas eram realizadas na Polícia Militar e no Instituto Histórico Geográfico Mineiro. Embora fossem, para o

estado de Minas Gerais, as manifestações mais importantes de respeito à memória do mártir da Inconfidência Mineira, estas eram inexpressivas perto do que viria a acontecer três anos depois em Ouro Preto. Ao contrário do que noticia o jornal *O Liberal*, quando afirma que o início das comemorações em Ouro Preto foi em 1950, a primeira festa com a grandiosidade das comemorações que conhecemos hoje foi realizada em 1952, graças a uma iniciativa de Juscelino Kubitschek, então governador do estado de Minas Gerais.

Das comemorações do dia da morte de Tiradentes relatadas nos anos de 1950 e 1951 a mais parecida com a festa de Ouro Preto aconteceu no Centro Mineiro no estado do Rio de Janeiro. Ao que consta, primeiro acontecia uma concentração em volta da estátua de Tiradentes, ao som da banda dos fuzileiros navais, prosseguia-se com o discurso de um orador oficial — que em 1950 foi o então senador Fernando de Melo Viana - e então terminava com uma sessão de condecorações. Pelo visto isso já acontecia a algum tempo sob o mesmo formato, essa última conclusão está baseada nesta passagem:

Conforme todos os anos o Centro Mineiro irá comemorar condignamente a data nacional de 21 de abril consagrada ao culto dos inconfidentes mineiros e da impávida figura do seu grande condutor e líder - Joaquim José da Silva Xavier.(ESTADO DE MINAS, 1950, p.3)

Em 1952, pela primeira vez o 21 de abril foi comemorado, com todas as pompas, na cidade de Ouro Preto.

Na primeira página do *Estado de Minas* de 21 de abril de 1952 não havia uma notinha sequer sobre as solenidade de Ouro Preto, apenas notícias

internacionais como *Fulgência Batista não dominou o povo cubano* ou *Aniversário de Elizabeth II*. Em compensação a terceira página fora toda dedicada à cobertura. A manchete era: *Evocado o episódio da Inconfidência no próprio local em que se desenrolou*. Estava presente o governador do estado Juscelino Kubitschek e seu vice Clóvis Salgado. Entre os convidados estavam o senador Melo Viana - que em 1950 foi orador oficial no Centro Mineiro, o ministro da Educação Francisco Negrão de Lima, o deputado Euvaldo Lodi, o orador oficial então reitor da Universidade do Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras o senhor Pedro Calmon, entre outros.

Como seria de costume do jornal *Estado de Minas* os principais discursos eram publicados na íntegra. O que diferiu dos outros anos que se seguiriam foi que três discursos foram publicados, mas nenhum deles era do orador principal. O primeiro deles foi o de Américo Gianetti, que era prefeito de Belo Horizonte. Este pouco falou de Tiradentes ou da Inconfidência, se ateu as diferenças territoriais que levaram à transferência da capital que era em Ouro Preto para Belo Horizonte e à arquitetura barroca da cidade histórica, realçando o número de igrejas para falar do catolicismo inerente ao povo mineiro.

O segundo discurso publicado foi o do deputado Euvaldo Lodi em que este afirmou que "o Brasil viveu em Vila Rica os dias de sua mocidade" e disse categoricamente que o povo deveria se revoltar "contra qualquer conceituação que tente reduzir a tradição desta terra privilegiada (Vila Rica) a um episódio inconsequente nas crônicas da política nacional em que a fantasia efervescente de alguns visionários experimentasse, de arrepio as suscetibilidades policiais dos

propostos da coroa portuguesa" (ESTADO DE MINAS, 1952, p.3). Acredito que ao se referir às conceituações que tentam reduzir a tradição a um episódio inconsequente ele estivesse fazendo menção a autores como Joaquim Norberto que defenderam que Tiradentes não teria sido o líder da Inconfidência.

E por último ficou o discurso de J. Kubitschek para finalizar a cobertura da festa. Foi o único ano em que JK participou das comemorações e não inaugurou nada além da própria festa. Em seu discurso ele fala das qualidades heróicas de Tiradentes como se de fato o tivesse conhecido, descreve o mártir como "figura peregrina, de um cidadão humilde e simples que tinha como o seu melhor brasão a coragem e a perseverança, a decisão e o desdém pelo perigo" (ESTADO DE MINAS, 1952, p.3). Depois de exaltar não só as qualidades de Tiradentes, mas também as dos demais inconfidentes como sendo pessoas de enorme bondade que queriam acima dos desejos pessoais atender às necessidades coletivas, disse que iria pedir ao governo federal auxílio financeiro para cuidar do patrimônio histórico mineiro, que foi palco do passado de glórias. Parece que Juscelino ao sublimar a memória de Tiradentes usou dos artifícios linguísticos e retóricos de que dispunha para promover a aproximação dele com a figura do mártir e emendou com o comunicado de que pediria verbas para a manutenção do patrimônio mineiro como quem diz que entende a necessidade da preservação da memória do passado grandioso. Minas Gerais como um estado museu do passado de glórias do Brasil.

Nesta edição, como em várias outras, o responsável pela coluna *Vida Social*, o senhor José Clemente, escreveu um pequeno texto chamado *Um outro*

Tiradentes, onde reclama das representações artísticas que retraíam Tiradentes morto e termina o texto dizendo "Os artistas do passado inspiraram-se na sua morte para assinalar-lhe a efígie. Que os artistas de nosso tempo se inspirem na sua vida" (ESTADO DE MINAS, 1952, p.6).

No dia 21 de abril de 1953, a primeira página do *Estado de Minas*, como vinha acontecendo nos anos anteriores se deteve a anunciar notícias do exterior. O dia de Tiradentes em Ouro Preto nem foi citado pelo jornal, aliás, a única lembrança de Tiradentes foi feita, na coluna social, por José Clemente.

O texto do colunista social merece inclusive ser melhor apresentado por ter sido tão peculiar. A começar pelo título *Tiradentes e Joaquim Silvério*. José Clemente atribui a Joaquim Silvério dos Reis o fato de Tiradentes e os inconfidentes terem se tomado heróis, ou melhor, o fato de ainda hoje serem lembrados. Define Joaquim Silvério como "coronel lusitano fiel a seu rei", questiona se a inconfidência teria sido levada adiante caso não tivesse havido a delação e critica os outros inconfidentes chegando a citar Gonzaga e Alvarenga Peixoto como sendo "pessoas que renegaram o movimento e seus ideais para escapar da punição". Até aí, tem-se a impressão de que ele não acredita no heroísmo dos inconfidentes. É quando José Clemente refaz o questionamento central do texto e responde com convicção: " Se o famigerado Joaquim Silvério dos Reis não escrevesse a carta denúncia, ponto de partida de todo o drama da inconfidência a conspiração continuaria? Absolutamente". Então segue dizendo que Tiradentes deu à pátria a própria vida e conheceu a fraqueza dos

companheiros de conspiração "compreendendo, mas já tarde quanto fora ingênuo demais em acreditar em tal gente". (ESTADO DE MINAS, 1953, p.6)

Como foi dito anteriormente 1952 foi o único ano em que Juscelino participou do 21 de abril sem inaugurar nada. Em 1953 foi a vez da rodovia Itabirito-Ouro Preto. Para a inauguração da estrada foi montado um palanque no quilômetro 26 da tal rodovia e foi convidado o presidente do DNER, que por sua vez não compareceu, quem discursou em seu lugar foi o engenheiro Moacir Gomes de Souza e Juscelino cortou a fita simbólica. Entre as quatro fotografias da comemoração consta uma da rodovia inaugurada.

As outras três fotografias são: uma visão da multidão na Praça Tiradentes; uma de Juscelino fazendo o discurso; e uma de Francisco Campos - orador oficial, então ex-ministro, também discursando ao povo. Também esteve presente o Chefe da Casa Civil da época, Lourival Fontes. O governador de Minas recebeu dos alunos da Escola de Farmácia de Ouro Preto um álbum com fotografias de vistas de Ouro Preto e um distintivo da Escola.

Do período em que Getúlio Vargas governava pela segunda vez o país, o ano de 1954 foi o ano de maior expressividade da comemoração do dia de Tiradentes. Pela primeira vez o ato fora citado na primeira página do *Estado de Minas*. Sob o título *Posição política dos governadores que hoje estão reunidos em Minas*, o texto escrito pelo jornalista Murilo Marroquim, dos Diários Associados, fez uma prévia da reunião de governadores que aconteceria em Ouro Preto naquele dia de 21 de abril de 1954. A questão central do texto de Marroquim é a sucessão presidencial, embora diga que a discussão a que se

pretendia ter na reunião dos governadores fosse fazer um balanço de seus respectivos governos. Marroquim deu razão ao governador de Pernambuco por não comparecer devido a uma batalha particular que este estaria travando em seu estado e, portanto, a reunião de Ouro Preto seria inoportuna. A presença mais aguardada seria a de Lucas Garcez, governador de São Paulo que foi elogiado pelo autor porque apesar do desmembramento da coligação que o apoiara "conseguiu segurar as rédeas do estado de São Paulo", porém por causa do esfacelamento de sua coligação não oferecia mais condições plenas para candidatar-se à presidência. Na sequência de sua análise Marroquim afirma que o melhor candidato à sucessão presidencial seria Juscelino Kubitschek porque este visava pacificar o Estado reunindo UDN e PSD e porque ele era o "governador mais poderoso da federação". Em seguida analisa a situação de outros governadores brasileiros apontando seus defeitos como, por exemplo, o senhor Regis Pacheco, da Bahia, que não possuiria o comando real do PSD. Fecha o texto analisando o governo de Getúlio Vargas citando as dificuldades do PTB em fazer com que os trabalhadores sigam as orientações do presidente. Resumindo o pensamento sobre o governo de Vargas ele aponta para o enfraquecimento do mesmo.

Ao contrário do que vinha acontecendo nos dois anos anteriores nesta edição de 21 de abril de 1954 as notícias internacionais apareceram com muito menos destaque. O jornal veio recheado de notícias sobre bem feitorias administrativas do estado de Minas Gerais e principalmente sobre o encontro de Ouro Preto. Entre as principais manchetes estão: *JK fazendo contatos para a*

candidatura à presidência; Inaugurada a primeira fábrica de cimento branco do Brasil e A nova Represa terá duas pistas.

Em contrapartida estava também noticiado no jornal o rompimento da barragem da Pampulha no dia 20 de abril de 1954. A inundação causada pelo rompimento chegou ao Rio das Velhas, inundou o aeroporto da Pampulha e inundou e arrastou casas.

A página 4 do jornal veio com um bombardeio de informações. A manchete principal era *Chegará às dez horas à esta capital o senhor Getúlio Vargas*. Logo abaixo desta constavam outras: *A visita do presidente; Grandes homenagens vão ser prestadas ao chefe da nação; A arrecadação do imposto de renda este ano deverá fazer 1.000.000.000.000 em Minas; Ainda não é oportuno o debate sobre a sucessão*. Mais abaixo estavam as notícias sobre o rompimento da barragem da Pampulha: *Rompeu-se de alto à baixo a muralha; Alojadas 24 famílias"*

Na matéria intitulada *A visita do presidente* o jornal denuncia que Minas foi deixada de lado na época do Estado Novo, mas tenta remediar dizendo que isso aconteceu mais por culpa dos dirigentes mineiros do que do governo federal, diz ainda que o presidente - Getúlio Vargas - nada tinha de regionalista e que atendia à todas as unidades nacionais à medida que era solicitado. Na outra matéria, *Grandes homenagens vão ser prestadas ao chefe da nação*, está a agenda do presidente, ou melhor, a programação do dia de Tiradentes, mas apresentadas como se fossem, simplesmente, os compromissos de Getúlio para aquele dia. A reunião dos governadores marcou o primeiro almoço oferecido pelo governo de Minas a seus visitantes no Grande Hotel.

Quanto à manchete *Ainda não é oportuno o debate sobre sucessão* esta notícia se trata de uma entrevista coletiva, dada por Juscelino Kubitschek, no dia 20 de abril às vinte e uma horas. Nesta entrevista JK falou de seus planos para melhorar Minas Gerais. Quando foi questionado sobre a reunião de Ouro Preto se esta teria haver com a discussão sobre sucessão, ele disse que decidiu juntamente com o senhor Lucas Garcez - governador de São Paulo e presidente da Reunião dos Governadores da Bacia Paraná-Uruguai — que naquele ano, propositalmente, a reunião coincidiria com as festividades que celebram a memória de Tiradentes e que o presidente apenas aceitou o convite para participar das solenidades. Continuou dizendo que no que tangia à sucessão presidencial por enquanto apenas pensava em sucessão estadual a outra ainda era muito remota.

Ainda na página 4 havia uma pequenina nota - *Não há animosidades por parte dos estudantes* — na qual estava escrito que o *Estado de Minas* recebeu um telegrama do presidente do diretório da academia da Escola de Minas desmentindo rumores de que haveria um sentimento de revolta por parte dos estudantes em relação ao presidente Getúlio Vargas e que ele seria recebido com festa.

É claro que todas estas notícias estão concatenadas em especial a matéria escrita por Murilo Marroquim e a entrevista de Juscelino. Ele seria o mais indicado à sucessão, mas num golpe de esperteza revelou sua humildade e sua preocupação com os problemas do governo do estado - cargo que ainda ocupava - em detrimento de sua carreira política,

A proporção de notícias exaltando a visita de Getúlio em contraposição com as do rompimento da barragem demonstram que a tragédia - de dimensão gigantesca - foi muito menos relatada e com bem menos pormenores.

No dia 23 de abril de 1954 veio a cobertura completa do dia de Tiradentes, ou melhor, da visita de Getúlio Vargas. Na primeira página duas grandes fotografias uma de Juscelino ao lado de Getúlio enquanto este discursava e outra de Juscelino, Getúlio e o Chefe da Casa Militar da Presidência da República o General Caiado de Castro postados em frente a estatua de Tiradentes.

Oito governadores compareceram para a reunião sendo eles: Lucas Nogueira Garcez (SP), Munhoz da Rocha (PR), Régis Pacheco (BA), Irineu Bomheuser (SC), Fernando Corrêa (MT), Ernesto Domeles (RS), Silvio Pedrosa (RN) e Juscelino Kubitschek (MG).

O jornal veio noticiando o resultado de uma conversa entre Getúlio e Garcez onde teria ficado acertada uma candidatura para a sucessão presidencial que seria comum ao PSD e ao PTB.

A reunião da Comissão da Bacia Paraná-Uruguai, que fora instituída no ano de 1951, aconteceu em Belo Horizonte, além dos governadores participaram o presidente Getúlio Vargas, o prefeito de Belo Horizonte Américo Gianetti e o ministro da justiça Tancredo Neves,

Mas voltando à festa do dia de Tiradentes em Ouro Preto a cobertura estava na página 7 com uma foto de Getúlio Vargas depositando a coroa de flores sob a estátua do mártir. A fotografia estava embaixo da manchete *Brilhantes as comemorações do dia de Tiradentes*. Foram publicados na íntegra apenas dois

discursos primeiro o de Getúlio e depois o de Juscelino, mas tratarei primeiro do discurso do governador, já que a repercussão do discurso do presidente fora grande e imediata.

Juscelino falou mais sobre o presidente do que sobre Tiradentes: "Vindo a Ouro Preto, o eminente chefe da nação reafirma o carinho que sempre dedicou ao episódio supremo da História cívica de Minas". (ESTADO DE MINAS, 1954,

Fala da criação do Museu da Inconfidência e da elevação de Ouro Preto à categoria de Cidade Monumento. Termina seu discurso com os seguintes dizeres:

O dia de Tiradentes deve ser o dia da Unidade Nacional. Unidade não só econômica, mas principalmente unidade espiritual, unidade moral, unidade de propósitos, unidade na ambição justa unidade no desejo de concervar e defender a personalidade do Brasil. (ESTADO DE MINAS, 1954, p.7)

Antes de falar sobre o discurso de Getúlio e a respectiva reação da UDN (União Democrática Nacional). É importante lembrar os problemas e as diferenças que estes tiveram desde 1950, quando começaram os rumores das candidaturas à sucessão presidencial.

Ainda em meados de 1937, fora descoberto petróleo no território do estado da Bahia. Outro fator que começou a acontecer durante o primeiro governo de Getúlio foi o da substituição de indústrias e produtos estrangeiros por nacionais. No governo Dutra ocorreu o seguinte episódio: foram encomendados da Europa os instrumentos necessários para a extração do tal petróleo baiano, mas por pressões norte-americanas o negócio foi desfeito e o petróleo continuou intocado, A política de implantação de fábricas nacionais levou os Estados Unidos a adotar

uma outra tática para continuar a dominação, agora eles estavam implantando suas fábricas aqui ao invés de simplesmente exportar. Mas a possibilidade da volta de Getúlio Vargas ao poder ameaçava os norte-americanos e conseqüentemente a UDN que era representante da ala industrial brasileira,

Getúlio que era figura política fortíssima no cenário nacional candidatara-se à presidência da República, apoiado pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), pelo PSP (Partido Social Progressista) e por uma parcela dos militares, contra o Brigadeiro Eduardo Gomes da UDN e Cristiano Machado do PSD (Partido Social Democrático).

"Para o PTB tratava-se, sobretudo de derrotar a UDN. E nas condições que se apresentavam, só um candidato seria capaz de derrotá-la: Getúlio, por coincidência, o Presidente de Honra do partido".(BASBAUM, 1985, p.199)
Getúlio Vargas ganhou as eleições com 48,7% dos votos,

A UDN tentando evitar a posse do presidente eleito tentou, sem embasamento constitucional, dizer que aquele não fora eleito por maioria absoluta de votos. Não foi o suficiente para impedir a posse de Getúlio, mas gerou um certo mal estar.

Mais tarde Vargas nomeia João Goulart seu Ministro do Trabalho, este se aproxima dos sindicatos, organiza o movimento dos "pelegos" e fixa o salário mínimo. Começaram então, chefiada pelos militares e pela UDN, as pressões para a saída de Jango do cargo. Mesmo a contragosto, o presidente não teve escolha e Jango acabou sendo destituído do ministério.

A gota d'água acaba sendo a criação da Petrobrás, que desagradou udenistas e norte-americanos. A partir daí desponta o *Clube da Lanterna* chefiado por Carlos Lacerda que unido à UDN organiza a movimentação para a deposição de Getúlio que passa a ser declarada.

Foi sob este clima que Getúlio proferiu o referido discurso no dia 21 de abril de 1954. Ele começou a falar sobre Tiradentes e descreveu a praça à medida que falava do episódio da exposição da cabeça do alferes. Prossegue falando de seus tempos de estudante em Ouro Preto e do decreto feito em seu primeiro governo, em 12 de julho 1933, quando a cidade passou a ser Monumento Nacional e quando em 20 de abril de 1938 criou-se o museu da Inconfidência com a vinda dos restos mortais dos Inconfidentes deixados no Exílio. Enfim, fala de todos os seus esforços para preservar a memória de Ouro Preto.

É neste ponto que começa a tratar dos pontos que desagradariam à UDN. Começa com a importância de acreditar no futuro do Brasil, que a Inconfidência Mineira está distante no tempo, mas perto na atualidade das preocupações. Demonstra preocupação com a ocupação estrangeira e diz que se Tiradentes morreu pelo ideal de uma pátria liberta cabe às próximas gerações construir sua grandeza. Aí Vargas emenda dizendo "bem sei como a injustiça, a incompreensão e os processos difamatórios se agregam aos problemas, às dificuldades, às responsabilidades das grandes obras planejadas e empreendidas, para tornar cada vez mais penosa a missão do governante. (...) Procura-se mesmo apresentar como infiéis ao Brasil os que mais o amam os que mais o defendem." (ESTADO DE MINAS, 1954, p.7). Então passa grande parte do discurso falando

das injustiças e dos atrasos que um homem público pode ter por causa das calúnias, termina falando dos feitos dos inconfidentes e do povo mineiro em geral e promete investir em Minas Gerais.

A UDN não se sente atingida, pois jamais caluniou o chefe do governo este foi o título da matéria e esta foi uma parte da declaração de Artur Santos quando procurado pelo *Estado de Minas*. Outro udenista que também se pronunciou foi Aliomar Baleeiro que disse:

Minha opinião é que o senhor Getúlio Vargas devia demitir quem redigiu o discurso. Primeiro porque tal discurso é cacofônico. Segundo porque deixa muito mal seu pretense autor, ou seja o senhor Getúlio Vargas, que nele se entrega a reminiscências dos tempos de estudante em Ouro Preto. Se o senhor está ferido em suas afeições, deve queixar-se a seus parentes e íntimos, que tem arrastado da rua da amargura à esquina das humilhações. Nenhuma culpa têm os parlamentares e jornalistas, que no cumprimento de seu dever censuram e provam crimes e imoralidades daquelas pessoas que vivem no recesso das aflições do presidente.(ESTADO DE MINAS, 1954,

Quanto a esta indisposição do Senhor Getúlio Vargas com a UDN causada por seu discurso do dia 21 de abril de 1954, é importante frisar que ele não mencionou, enquanto falava dos difamadores, o nome da UDN ou de qualquer de seus integrantes. Parece que de acordo com a situação da época já era automático relacionar esse partido como difamador do então presidente- Outro aspecto, que abre precedentes para reflexão, é quem procurou quem? Como resultado da relação automática apresentada acima, pode ter sido o jornal que, por conta própria, procurou a UDN para que esta pudesse se defender e pode ter sido a UDN quem procurou o jornal.

Em 1955, com o Brasil chefiado por Café Filho, que assumiu a presidência após o suicídio de Getúlio Vargas por ser seu vice, e com Juscelino Kubitschek na condição de ex-governador de Minas Gerais, cargo que naquele momento ocupava o senhor Clóvis Salgado, o jornal *Estado de Minas* voltou a relegar à festa do 21 de abril às páginas internas. Na primeira página do jornal estavam, principalmente, notícias nacionais, embora a manchete principal envolvesse a Alemanha e os EUA: *Os Estados Unidos ratificaram a concessão de soberania à Alemanha*. O assunto de maior destaque da primeira página do jornal era a recusa de João Goulart em candidatar-se à vice-presidência. Fato que não se consumaria, já que este viria a ser, em 1956, o vice de Juscelino Kubitschek.

Na página 5 estava anunciada *Hoje a tarde em Ouro Preto a solene sessão cívica em honra de Tiradentes*. Como não poderia ter sido diferente, Juscelino, mesmo não sendo mais o governador, veio a Ouro Preto para inaugurar um forno chamado Álvares Maciel, na Usina de Alumínio de Saramenha, e foi o orador oficial da solenidade do dia de Tiradentes.

Juscelino em Ouro Preto invoca para sua causa a proteção de Tiradentes, esta era a manchete que estava na terceira página do *Estado de Minas* do dia 23 de abril de 1955. O único discurso publicado foi o de JK. Neste discurso ele deu a entender que pretendia se espelhar em Tiradentes, assumir o "espírito cívico, patriótico", lutar pelo Brasil e finalizou pedindo apoio e inspiração ao mártir.

Quero sob a evocação do mártir do Brasil, diante dele, tomando-o como testemunha de minhas palavras, dizer-vos aqui sinceramente que não sabia o que teria de passar, de provações e sofrimentos, e a verdadeira situação do Brasil, quando aceitei ser candidato à futura sucessão presidencial. (...)

peço-te que me inspires nesta dura jornada, herói do meu país, Joaquim José da Silva Xavier, peço-te que me dês um pouco da tua fé, do teu amor, da tua firmeza, do teu ânimo diante das adversidades, da tua humildade em face do destino mais cruel, oh! Modesto alferes de milícia imortalizado.(ESTADO DE MINAS, 1955a, p.3)

No ano que se seguiu, 1956, o *Estado de Minas* anunciava, no dia 21 de abril, a vinda do então presidente, Juscelino Kubitschek, ao estado de Minas Gerais, mais precisamente à capital, Belo Horizonte. Havia uma especulação por parte do jornal sobre uma possível participação dele nas festividades do dia de Tiradentes, que não se confirmou.

Em uma matéria intitulada *Vinte e um de abril* o nome do ex-governador reaparece como perspicaz idealizador das comemorações desta data na cidade de Ouro Preto e diz que antes desta iniciativa esta estava apagada, reclusa a colégios e outras manifestações fechadas.

Na mesma página consta a matéria: *Comemora-se hoje a maior data da História de Minas*. Nesta está a programação para o 21 de abril daquele ano e, embora JK não fosse estar presente para a comemoração ouropretana, ele inaugurou um Colégio Militar na cidade de Belo Horizonte e a Mannesmann junto com o então governador do Estado o senhor Bias Fortes. Em Belo Horizonte aconteceu paralelamente à festa a abertura de uma exposição de "elementos referentes à História do Brasil" como espadas, autógrafos, "documentação relativa à Marília de Dirceu" e documentos da FEB trazidos da Itália, no Museu de Arte e História da Casa de Gonzaga.

O General Teixeira Lott foi o orador oficial naquele ano de 1956, mesmo sob os protestos dos militantes do PTB de Minas Gerais, fato que foi pouco noticiado. Para esta situação constou apenas uma pequena nota intitulada *Protesta a oposição contra a presença do ministro da Guerra em Ouro Preto*.

Uma explicação para a insatisfação dos petebistas está no fato de que os militares sempre representaram uma facção conservadora na política brasileira.

Juscelino deveu ao General Lott o fato de ter tomado posse já que foi graças aos esforços do General que aquele foi empossado e que novamente graças à ele e à sua manutenção no Ministério da Guerra durante governo Kubitschek é que as forças armadas se mantiveram passivas em todo o período em que JK governou. "Como ministro da Guerra, ele soube manter a hierarquia, a ordem e a disciplina militares".(RODRIGUES, 1992, p.60)

A sétima página do *Estado de Minas* do dia 24 de abril de 1956 fora toda dedicada a cobertura da sessão solene do 21 de abril daquele ano. A manchete principal era *Alcançaram brilho as comemorações de Ouro Preto*.

O General Teixeira Lott, ao que parece, fez seu discurso sem maiores problemas. Até porque foi um discurso neutro, sem qualquer posição que pudesse ser considerada ofensiva a ninguém. Teceu elogios a Minas Gerais, falou da independência das 13 colônias e da influência deste acontecimento para a Inconfidência Mineira e fechou sua fala fazendo exaltações ao mártir.

Em contrapartida, o então governador Bias Fortes, se pronunciou contra a implantação do regime parlamentarista no Brasil dizendo "è o momento mais impróprio a qualquer renovação política". Bias Fortes foi contundente em sua

defesa pelo presidencialismo. Ele estava na Praça Tiradentes, falando para centenas de mineiros - mas sabendo que aquela ocasião seria amplamente divulgada e atingiria milhares de eleitores - e então aproveitou o ensejo para demonstrar toda sua preocupação e engajamento com os rumos políticos brasileiros. Começou falando da Inconfidência e da importância dos atos realizados no passado, para ter a devida e passar ao eixo central de seu discurso:

Não basta, porém, que nos limitemos, neste instante, a um ato de devoção ao passado. Para não traírmos o sacrifício dos mártires e heróis da Inconfidência Mineira, é indispensável que meditemos com gravidade sobre os problemas que mais preocupam o Brasil (...).(ESTADO DE MINAS, 1956a, p.7)

A partir do citado acima, Bias Fortes passa dizer que o parlamentarismo seria um atraso, aliás, um regresso às instituições Imperiais. Também atribui ao presidencialismo a saída da estagnação - econômica, política e social - vivida pelo país desde a descoberta portuguesa até a o fim do império. Neste ponto o recorte temporal do discurso escapa à época da Inconfidência e à época em que estava sendo proferido. Ele usou o período imperial para exemplificar com fatos do nosso próprio passado político as falhas do parlamentarismo, desprezando as diferenças de que a época em que o Brasil passou pela monarquia parlamentar era uma época tão distante tanto no tempo quanto no contexto.

Ao que parece, o medo dos políticos conservadores da época, no que concerne aos estragos que os governos populistas poderiam causar à suas ambições, colocou em pauta uma movimentação para implantar-se o parlamentarismo como meio de diminuir o poder presidencial.

È fato, que naquela ocasião o senhor Juscelino Kubitschek ainda iniciava seu governo, mas o que permitiu a associação de sua imagem com o populismo getulista foram: a aproximação deste com o ex-presidente Getúlio Vargas ainda em fase de campanha para se candidatar - como foi verificado na festa do dia 21 de abril de 1954; seu vice-presidente ter sido o senhor João Goulart, ex-ministro do Trabalho de Getúlio; sua posição nacionalista e desenvolvimentista verificada desde a campanha eleitoral, aliás, desde a sua atuação na prefeitura de Belo Horizonte (1940-45).

O parlamentarismo viria a ser implantado somente quando João Goulart assumisse a presidência, após a renúncia de Jânio Quadros em 1961. Mas baseando-me na fala do senhor Bias Fortes e nos indícios acima relatados posso concluir que os esforços para a implantação do parlamentarismo já vinham de muito antes do governo Jango.

Na pagina 4, da edição de 21 de abril de 1957 o *Estado de Minas* trouxe as seguintes matérias: *Vila Rica*, onde o autor diz que "não há como comparar a geração da Inconfidência com a geração de hoje", porque não existia mais o "sentimento do coletivo" e que a culpa disso era do governo que não se preocupava com a população; e *Em Ouro Preto a celebração oficial da data da inconfidência*, na qual estava a agenda das solenidades do dia de Tiradentes.

Neste mesmo jornal encontrei no caderno infantil que se chamava *Gurilândia*, uma notinha intitulada *Joaquim José da Silva Xavier*. Era um texto extremamente pequeno contendo a história oficial da trajetória de Tiradentes resumida e com uma linguagem acessível ao público que se pretendia atingir.

Tendo no coração e na mente o desejo de liberdade para o Brasil, Tiradentes foi a maior figura da chamada Inconfidência Mineira. Tiradentes nasceu em Minas aos 12 de novembro de 1746. Traído juntamente com seus companheiros de ideal foi Tiradentes julgado e tendo assumido a responsabilidade do movimento libertador, foi condenado à forca. Sua execução deu-se no dia 21 de abril de 1792. Tiradentes deu aos seus companheiros os mais belos exemplos de lealdade e ao Brasil impressionantes exemplos de amor. (ESTADO DE MINAS, 1957, p.12)

Ainda nessa página estava um outro texto chamado *O mártir da liberdade* de conteúdo parecido com o do texto anteriormente citado, mas com detalhes sobre a morte de Tiradentes.

Pode-se perceber aí a intenção de introduzir a veneração pela figura do mártir e a explicação, já preparada para ser apenas assimilada, facilitando a aceitação deste como herói pelo público infantil, que certamente um dia seria público adulto e já teria apreendido a versão oficial do martírio de Tiradentes como verdade absoluta e incontestável.

Como sempre ocorria a cobertura vinha na edição que saísse imediatamente após o dia de Tiradentes. Então no dia 23 de abril o *Estado de Minas* trouxe na primeira página quatro fotos grandes: uma da multidão da praça; uma do Cardeal Arcebispo de São Paulo Carlos Carmelo de Vasconcelos ao lado de Bias Fortes; uma de Bias Fortes condecorando o então senador Benedito Valadares; e uma do Cardeal depositando a coroa de flores aos pés da estátua. Sob as fotografias estava escrito *Um dia de emoção para os mineiros*.

O almoço oferecido no grande hotel teve destaque especial embora não houvesse acontecido nada de diferente dos anos anteriores. Publicou-se até o *menu* do referido almoço.

O discurso do Cardeal ocupou quase uma página, enquanto normalmente os discursos ocupavam cerca de um quarto. O título que acompanhava a publicação do discurso foi *Comofalou o cardeal de São Paulo na cerimônia de domingo*. O discurso foi bastante confuso sendo uma mistura da história positivista da Inconfidência Mineira, com questões religiosas - citando inclusive o nome de uma entidade do Candomblé, voltando ao espírito heróico-libertador dos mineiros em geral e falando da morte de Tiradentes:

Recebendo a relíquia da decepada cabeça do chefe inconfidente herdou Vila Rica o patrimônio do seu idealismo patriótico e tomou-se mais rica ainda não já de ouro metálico, e, sim, da glória do Tiradentes. (ESTADO DE MINAS, 1957a, p.5)

E fechou o discurso dizendo:

Que Deus nos proteja para que seja sempre assim. Que a padroeira de Minas Gerais, Nossa Senhora da Piedade, lá do alto da famosa Sabarabussu, dos bandeirantes conserve Minas sob seu manto maternal. Que os mineiros sejam sempre livres, sempre justos, sempre fiéis.(ESTADO DE MINAS, 1957a, p.5)

Bias Fortes fez outro discurso com ares de debate, a medida que usou a festa para expressar sua própria opinião sobre o contexto político da época. Desta vez o tema foi a prorrogação de mandatos dos congressistas. O título era *Advertência do senhor Bias Fortes ao congresso na data da Inconfidência*.

Ele usou, inclusive, uma certa aspereza, como quem quisesse reprimir duramente. Praticamente não falou da Inconfidência ou de Tiradentes, se ateve a tratar do tema político que escolheu. Falou em nome de Minas Gerais quando fez as tais advertências.

(...) a prudência com que Minas costuma dar rebate à nação dos perigos pressentidos à distância. O congresso por certo não votará a prorrogação de mandatos porque se o fizesse, poria em risco a sobrevivência da ordem legal.(ESTADO DE MINAS, 1957a, p.8)

Dando respaldo às intenções de Bias Fortes o jornal trouxe uma matéria sobre os últimos discursos do então governador de Minas Gerais para o dia 21 de abril. A matéria se chamava *Emboscada contra o povo* e elogiava suas palavras pondo-as na posição de defensoras dos direitos e interesses do povo. "Tanto no ano passado (1956) o governador fulminou o movimento parlamentarista (...) quanto agora o Senhor Bias Fortes situou-se dentro do pensamento popular (...)".(ESTADO DE MINAS, 1957 a, p.4)

Para o ano de 1958 o único evento que se diferenciou dos demais anos foi uma prova de atletismo. Corredores de todas as partes viriam a Ouro Preto para participar da competição. No dia 20 de abril de 1958 o *Estado de Minas* anunciava para o dia 21 do mesmo mês a *Grande Rústica "Tiradentes"*. O governador da época, Bias Fortes, deu o Tiro de largada.

Augusto de Lima Júnior escreveu um texto extremamente positivista, com os elementos da história oficial acerca da morte do Alferes, mas com alguns aspectos inesperados. A manchete principal era *Evocação de episódio do Campo da Lampadosa* e abaixo dela estava o texto que se chamava *Todas as tropas*

mobilizadas para assegurar a ordem no dia do sacrifício de Tiradentes. Acompanhando este texto estavam duas reproduções de obras pictóricas - sem informar quem foi o autor das gravuras ou em que ano estas foram produzidas — uma era de Tiradentes, sem barba e vestido como alferes e a outra era de Thomas Jefferson. Abaixo das fotos havia pequenos textos: "Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que foi enforcado e esquartejado aos 41 anos de idade, considerado o mais inteligente e audacioso conjurado de 1789"; e o outro "Thomas Jefferson, autor da Declaração de Independência dos Estados Unidos da América que inspirou a Inconfidência de Minas Gerais em 1789".(ESTADO DE MINAS, 1958, p.1)

Os mencionados aspectos inesperados foram em primeiro lugar a representação de Tiradentes sem barba e segundo a passagem do texto em que Lima Júnior diz que o alferes teve a barba e os cabelos raspados para a execução contrariando muitas obras e expectativas que apostam na aparência aproximada com a de Jesus Cristo.

Então passa a narrar passo a passo os fatos do dia da morte do mártir da Inconfidência desde o cortejo até o esquitejamento dando ênfase para o esquema de segurança armado pela corte, que estaria temerosa em relação à possibilidade de uma revolta popular dizendo inclusive que os magistrados pediram proteção especial para suas casas. Lima Júnior termina seu texto assim:

A cabeça veio para Vila Rica, para o coração de Minas. As víceras haviam ficado para o despotismo. Que Deus não permita que o povo mineiro se esqueça de que sua herança é a cabeça do mártir e não os intestinos. Que Tiradentes seja lembrado pelos exemplos de amor à pátria e que os lábios

que lhe pronunciarem o nome não sejam os lábios da mentira e da filúcia e da corrupção! (ESTADO DE MINAS, 1958, p. 9)

O texto dá a impressão de que os habitantes da cidade do Rio de Janeiro estavam revoltados vendo sua oportunidade de libertação da condição de colônia acabar, ou seja, o herói da Inconfidência Mineira ser executado. A preocupação em demonstrar os cuidados com a segurança dos juizes que poderiam ser responsabilizados pela pena aplicada ao alferes, com a segurança da cidade onde todas as tropas estavam a postos para estancai* qualquer movimento de insatisfação popular e a segurança montada para assegurar que o réu sairia da prisão e chegaria ao local da execução, evidenciam que o autor queria passar a idéia de que o povo, já naquela época, era contra a coroa e que estava prestes a se insurgir por certos ideais de libertação.

As anúncios do 21 de abril de 1959 diziam que o então embaixador Oswaldo Aranha, e o então procurador geral da República Carlos Medeiros da Silva estariam presentes em Ouro Preto, sendo que o primeiro seria o orador oficial daquele ano.

Em 1959, a construção da nova capital que seria inaugurada no ano seguinte estava a todo vapor. No *Estado de Minas* de 21 de abril de 1959 tinha uma interessante propaganda de elevador. A propaganda trazia a frase *libertas quae será tamen* ao lado da representação de Tiradentes em que este está olhando para o horizonte com a corda da forca em volta do pescoço e logo a baixo uma imagem da planta de Brasília com o edifício do Congresso Nacional sobreposto à esta, com um pequeno texto explicando o porquê da escolha dos elevadores Atlas

na construção dos prédios da nova capital. Para fechar o reclame a frase: *153 elevadores Atlas em montagem na futura capital brasileira.*

A cobertura não foi muito grande. Abaixo do título *Emocionante espetáculo de civismo em Ouro Preto* estavam apenas duas notinhas uma falando do almoço no Grande Hotel e outra com a lista dos condecorados. Além disto constavam também os discursos de Oswaldo Aranha e o de Bias Fortes.

Oswaldo Aranha fez um discurso ainda maior que o do Cardeal Arcebispo de São Paulo no ano de 1957, mas não fez nenhuma declaração que extrapolasse a exaltação ao mártir da Inconfidência. Já Bias Fortes, como era de seu costume, pouco falou da Inconfidência Mineira. Inicia sua fala dizendo:

Nesta romaria de todos os anos a velha e gloriosa Ouro Preto - Meca da liberdade e do civismo no Brasil! O sentimento de que vem ungido nosso espírito não é apenas de devoção ao passado, de fidelidade e reconhecimento à memória dos primeiros mártires da fé republicana.(ESTADO DE MINAS, 1959a, p.3)

Deste ponto em diante passou a remontar historia republicana brasileira. Dedicou-se a reconstituir a trajetória política brasileira no período republicano, elogiando a revolução de 30 e Oswaldo Aranha.

Seria naquele ano — 1960 — a inauguração de Brasília, para tal realização o então Presidente da República Juscelino Kubitschek escolheu a data do dia de Tiradentes. É perceptível através da leitura dos jornais da época a euforia criada em torno da nova capital e, portanto, a festa de exaltação ao mártir da Inconfidência Mineira foi antecipada para o dia 18 de abril.

A primeira página do *Estado de Minas* do dia 19 de abril de 1960 estava completamente tomada por notícias da celebração de Ouro Preto ou dos preparativos para a Inauguração de Brasília. A manchete principal era *Imprescindível a união dos brasileiros, declara em Ouro Preto o presidente*. Por aí já é possível saber que naquele ano Juscelino retornou à Ouro Preto. Concomitante à celebração cívica, Minas comemorava a união da TV Tupi com a TV Itacolomi, inclusive o presidente da TV Itacolomi, o senhor Cristóvão Guimarães, esteve em Ouro Preto para ser homenageado e discursar aos mineiros, embora seu discurso não tenha sido publicado. Além da união das redes de televisão também foram inauguradas: a rodovia dos Inconfidentes, que liga Belo Horizonte a Ouro Preto, e a estrada que liga Belo Horizonte a Brasília. Juscelino não participou das inaugurações, sendo representado por Amaral Peixoto. O jornal fez questão de ressaltar que durante a inauguração da primeira rodovia as populações de Itabirito e Ouro Preto foram manifestar apoio ao governador do estado. Nesta edição constam quatro fotografias da rodovia dos Inconfidentes, sendo duas na primeira página e duas no interior do jornal.

O então governador de Minas Gerais Bias Fortes ofereceu aos seus convidados o almoço no Grande hotel sem a presença do presidente que chegou pouco depois do término do tal almoço. A chegada do presidente provocou alvoroço em Ouro Preto. Isto porque ele desceu de um Helicóptero que pousou no adro da Igreja de São Francisco de Assis. De lá se encaminharam todos para a Escola de Minas para a inauguração da Fundação Goreeix.

Juscelino Kubitschek foi o orador oficial de 1960. Em seu discurso ele explicou o porque do adiantamento da festa e disse que Brasília poderia trilhar novos rumos para a pátria, mas que não poderia deixar de prestar suas homenagens ao grande patriota que foi Tiradentes e então para que pudesse cumprir os dois compromissos foi necessário mudar a data das solenidades de Ouro Preto.

Como colocou Míriam Limoeiro Cardoso (1978), JK sempre mesclava em seus discursos públicos o assunto sobre o qual deveria falar com as questões desenvolvimentistas inerentes ao seu governo. Como esta festa é destinada a comemorar um episódio do passado colonial brasileiro e Ouro Preto é uma cidade histórica Juscelino, como pôde ser observado em seu discurso do ano de 1960 e nos outros que o antecederam, tentava sempre se mostrar preocupado com a preservação das tradições e do patrimônio, mas salientando a necessidade de modernizar o país. Uma prova desta mescla de valores foi a chegada de JK em Ouro Preto - 1960. Em todas as suas outras participações ele veio por via terrestre, naquele ano, ano da inauguração de seu maior feito desenvolvimentista, veio de helicóptero, causando alvoroço, como já foi dito anteriormente. Pousar de helicóptero no adro de uma igreja colonial é um exemplo evidente da mistura entre modernizado e estagnado. Outro exemplo é o excerto abaixo:

Na ocasião em que surge Brasília não apenas como realização extraordinária da capacidade do povo brasileiro, mas também como prova da força de uma geração que invade o deserto e o vence; nesta hora que se abre o caminho do desenvolvimento, constitui um dever voltarmos para a figura humaníssima desse Joaquim José da Silva Xavier.(ESTADO DE MINAS, 1960, p.1)

Então aproveitou o ensejo para falar da grandeza de Tiradentes. Disse que o alferes aceitou sua pena com humildade, pois sabia que seus "desejos frutificariam", dando a entender que ele, Juscelino, estava realizando os sonhos não efetivados pelo próprio sonhador - Tiradentes, usando o mártir para justificar seus feitos. Tentou em seguida demonstrar que o herói em questão não tinha outros interesses além de libertar a pátria do jugo da coroa portuguesa.

Não era Tiradentes um contribuinte do quinto em atraso, não o tocava pessoalmente os problemas dos que arrancavam das entranhas da terra o metal precioso. Falava-lhe um dever de consciência, o de acudir em defesa de seu país.(ESTADO DE MINAS, 1960, p. 11)

E termina com mais uma convocação da ajuda popular aos seus compromissos desenvolvimentistas usando a história da Inconfidência para tal fim.

No próximo dia 21, com a instalação da nova capital, vai iniciar-se uma nova era para o Brasil (...). Para esta venerável e gloriosa Ouro Preto, para esta pátria reconhecida ao seu filho intemorato, para esta solenidade, a um tempo grave e jubilosa, em que se evoca o vulto luminoso de Tiradentes, converge agora o pensamento de todos os brasileiros, na reafirmação do nobre lema dos inconfidentes, que nestes dias de luta pelo nosso desenvolvimento adquire significado amplo e profundo: *Libertas quae será tamen*. (ESTADO DE MINAS, 1960, p. 11)

Assim como JK, Bias Fortes também encetou sua fala justificando o motivo da mudança na data e que os inconfidentes também queriam - em sua época - a transferência da capital para um local mais central, para que o litoral não fosse o único privilegiado. A construção do discurso de Bias Fortes transmite a idéia de

que os inconfidentes — caso estivessem presentes — aprovariam a mudança de data por considerarem a inauguração de Brasília uma causa justa: "Assim pensaram os inconfidentes de Minas Gerais. Sentiram eles, vai para quase dois séculos, a necessidade da interiorização do centro da vida política e administrativa do país". (ESTADO DE MINAS, 1960, p.4)

Como era de costume, Bias Fortes desviou o assunto sem a menor sutileza e aproveitou para pedir cuidados especiais com a educação do país para que fossem melhor preparados os homens que cuidariam do país agora que este mergulhava de vez no desenvolvimento. Pediu também aos dirigentes da República que reestruturassem a federação "armando os estados dos recursos que ainda lhes faltam para o exercício normal de sua autonomia". E ainda incumbiu o então presidente de fazê-lo: "Esperamos do patriotismo e clarividência do eminente brasileiro mais este inestimável serviço à nação". (ESTADO DE MINAS, 1960, p.6)

Além dos tradicionais convidados também foi agraciada com a Grande Medalha, ninguém mais ninguém menos, que a cidade de Brasília. Que, aliás, recebeu diretamente de Minas Gerais um sino que teria tocado pela última vez no dia da execução de Tiradentes, para soar novamente na inauguração de Brasília.

Em uma matéria intitulada *Encontro com o destino* um comentarista disse que nos dois discursos tanto o de Bias Fortes, quanto o de Juscelino ele pôde perceber que ambos apostaram que a inauguração de Brasília iniciaria uma nova era. Falou também que o então presidente deixara de lado questões como a saúde e a educação para priorizar o desenvolvimento econômico do país, mas ele

mesmo dá a justificativa - em tom profético - para as escolhas de JK: "Inegavelmente, o presidente Kubitschek rasgou para o Brasil novos caminhos e, se algum sofrimento foi imposto momentaneamente ao povo com o encarecimento da vida, tudo isso será compensado, tão logo nosso país se encontre com seu verdadeiro destino".(ESTADO DE MINAS, 1960, p.4)

O *Estado de Minas* do dia 21 de abril de 1960 fora inteiramente dedicado à inauguração de Brasília, trazendo inclusive um encarte feito pelos Diários Associados contendo detalhes da construção e da programação da inauguração.

Não fosse por duas propagandas, uma dos elevadores Atlas e outra do Banco de Minas Gerais, a Inconfidência Mineira nem seria lembrada frente a total euforia em torno da nova capital. É importante ressaltar que mesmo sendo as únicas menções feitas à Inconfidência estas somente se serviram deste episódio para misturar as datas - da inauguração e do dia de Tiradentes - para dizer que seus produtos serviriam à capital tão sonhada pelos inconfidentes.

A importância que o *Estado de Minas* vinha dando às solenidades do dia de Tiradentes tiveram queda sensível em 1961,

1961 foi o primeiro ano em que Juscelino Kubitschek não estava no governo nem de Minas nem do Brasil. A cobertura do dia 21 de abril, que até 1960 ocupava uma página do jornal, no ano de 1961 ocupou aproximadamente um oitavo - espaço utilizado somente para a publicação programação.

A primeira página do *Estado de Minas* do dia 23 de abril de 1961, trazia como notícias principais os problemas dos Estados Unidos com a União

Soviética e com Cuba e anunciava a candidatura de Juscelino Kubitschek à presidência da República em 1965.

Havia na terceira página - local reservado à cobertura das solenidades - uma charge, onde estava: Jânio Quadros com um ar contrariado, um bolo com os dizeres "Salve o 21 de abril de 1961", uma foto de Juscelino pendurada na parede, e uma menina oferecendo o primeiro pedaço do bolo para a fotografia de JK. Esta charge mostra que a presença de Juscelino era ainda muito forte, afinal este só havia deixado a presidência há quatro meses. A menina estava dando o bolo para o "par da festa do dia 21 de abril, até que Jânio que era o atual presidente não havia comparecido,

Não havia uma fotografia sequer das comemorações, os discursos proferidos na Praça Tiradentes não foram publicados, aliás o único discurso publicado foi o de Augusto de Lima Júnior, que foi feito nas comemorações do Instituto Histórico Geográfico, onde ele foi orador oficial.

A única notícia que se referia à festa de Ouro Preto foi a da transferência da Assembléia Legislativa, sob o título *Fidelidade aos ideais da Inconfidência expressa na declaração de Ouro Preto*. A declaração foi publicada na íntegra:

Os deputados da Assembléia Legislativa se orgulham de terem sido realizadas por um de seus mais ilustres conterrâneos o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira os postulados da Inconfidência, não só promovendo a transferência da capital federal para o coração do Brasil, como também incrementando o desenvolvimento industrial, dentro daqueles ideais que em época longínqua foram os sonhos dos primeiros heróis da Inconfidência.(ESTADO DE MINAS, 1961a, p.3)

Para a reunião do legislativo compareceram cinquenta e um deputados representando todas as bancadas menos a da UDN.

Voltando à charge e comparando-a com o conteúdo da *Declaração de Ouro Preto* é possível reafirmar a preferência pelo ex-presidente JK e a gratidão dos mineiros pelo fato de ter ele sido o idealizador da festa de Tiradentes, já que o agradecimento pela transferência da capital poderia ter sido feito em qualquer outra ocasião e em qualquer outro lugar.

É possível imaginar que o conteúdo dos discursos proferidos durante as comemorações tenha sido muito elogioso ao ex-presidente Juscelino Kubitschek. O *Estado de Minas* pode ter omitido as informações por "respeito" a Jânio Quadros, ou até mesmo as notícias podem ter sido omitidas a pedido da então presidência.

Em 1962, quando o presidente da República era João Goulart, a festa não foi noticiada pelo *Estado de Minas* nem no dia 21 nem na edição subsequente onde deveria constar a cobertura completa.

Sobre o dia de Tiradentes havia somente uma notinha dizendo que um colégio de Belo Horizonte tinha prestado homenagens ao mártir da Inconfidência.

Uma notícia anunciava a ida de Jango aos Estados Unidos, de onde pode-se concluir que este não esteve nem em Ouro Preto nem nas comemorações do aniversário de Brasília.

Não é possível saber se a festa não foi coberta pela imprensa ou se não aconteceu naquele ano,

Em 1963, último ano do governo João Goulart antes do golpe que o deporia, a primeira página do *Estado de Minas* de 21 de abril, trazia as notícias: *Viaja Goulart para o Chile; e Firmado com a URSS intercâmbio comercial.*

Somente na décima sexta página apareceram as informações sobre o dia de Tiradentes. Sob a manchete *Bidault veio de Diamantina para a capital* estava um entrevista com o *Ex-premier* francês onde este dizia que iria visitar Ouro Preto. A entrevista em si não tem nenhuma informação relevante e passa a imagem de que Bidault era um homem sem compromissos e que bebia excessivamente.

Entre outros receberam a Grande Medalha da Inconfidência: João Goulart, que não compareceu; Ranieri Mazzilli; Carlos Drummond Andrade; Carlos Chagas Filho; e Ari Barroso. A lista dos homenageados estava junto com a programação da festa.

Depois de muitos anos sem se pronunciar José Clemente, autor da coluna social do *Estado de Minas*, voltou a escrever sobre a Inconfidência. Desta vez ele estava atacando a historiografia contrária à história oficial e as posições contrárias à realização da festa do dia de Tiradentes como o jornal humorístico *Binômio*, que será mencionado posteriormente.

Primeiro José Clemente fala da identificação que ele e a maioria dos brasileiros têm com a versão oficial do martírio de Tiradentes e com os ideais de liberdade da pátria que teriam se cumprido em 7 de setembro de 1822 e em seguida passa a atacar as opiniões divergentes com bastante agressividade: "Longe dele (Tiradentes), distanciados dele, profanando a qualidade de patrícios do mártir, estão os brasileiros degenerados para os quais o 21 de abril não tem

significado de espécie alguma.(...) Joaquim Silvério dos Reis comparado a estes brasileiros não tem crime". E conclui dizendo: "Felizmente para o Brasil não tem maior vergonha, eles são minoria, mas nem por isso deixam de ser nocivos. Corpos estranhos no organismo nacional têm a periculosidade dos cálculos nos organismos humanos".(ESTADO DE MINAS, 1963, p. 12)

No dia 23 de abril de 1963 o *Estado de Minas* trouxe na primeira página *Recebido com entusiasmo no Chile o presidente João Goulart*, aliás, quase todas as notícias da primeira página eram sobre o governo João Goulart: *Teto estabelecido para aumento não será rompido e Deputado Ranieri Mazzilli assumiu o governo do Brasil*.

No interior do jornal a cobertura da festa voltou a ser grande como nos tempos de JK. Neste ano a solenidade principal que é a da Praça Tixadentes realizou-se à noite e teve efeitos,até então inéditos, como o apagamento de todas as luzes restando apenas um holofote apontado para a estátua de Tiradentes, um clarim, que anunciou o toque de silêncio, da janela da Escola de Minas e no momento de arriar as bandeiras os sinos das igrejas começaram a repicar.

Somente foi publicada a fala do então governador do estado de Minas Gerais o senhor Magalhães Pinto. Ele fez um discurso pequeno. Falou da conquista da democracia pelos brasileiros e que esta conquista seria irreversível.

O confronto entre o Brasil idealizado por Tiradentes e o Brasil de agora revela que a liberdade política se inscreveu em nossa História, em letras de sangue, como conquista irreversível. (ESTADO DE MINAS, 1963a, p.5)

Magalhães Pinto não podia imaginar que a democracia da qual falou estava prestes a acabar. No ano seguinte o dia de Tiradentes não seria comandado mais por presidentes eleitos pelo povo, mas pelo presidente empossado pelo golpe que iniciaria um período de vinte anos de ditadura militar.

A festa do dia de Tiradentes fora instituída por Juscelino Kubitschek para servir aos seus propósitos. Primeiro para se promover como competente governador de estado, depois para se lançar como candidato à presidência da República e por fim para se afirmar como um presidente de visão, disposto a modernizar o país.

Não foi sem protestos que a festa se concretizou e se firmou como festa anual. Como foi citado anteriormente o jornal *Binômio* fez oposição em forma de piadas, expressando, certamente um pensamento compartilhado por outras pessoas. Em 1953 o *Binômio* fez um diálogo entre um mineiro que morava em São Paulo e um mineiro que morava em Belo Horizonte onde o primeiro perguntava sobre Minas o outro respondia que tudo ia bem fora a fome que o povo sentia, então o mineiro de São Paulo perguntava aonde estava o dinheiro e ouvia a resposta de que o dinheiro havia sido gasto nas festas do governo. Em 1955 o *Binômio* volta a atacar. Criou-se uma pequena história chamada *Confusão e chique na pagodeira de Ouro Preto* nesta a crítica era mais explícita, reclamava-se dos gastos com a festa e do número de convidados. Referia-se a Juscelino como "Juju" e a Augusto de Lima Júnior como "Liminha". No fim a historinha tirava as seguintes conclusões:

- 1º que o governo de Minas não cumpre sua palavra (...)
- 2º que o atual governo está inteiramente avacalhado, pois permite que um "Liminha" qualquer chegue a provocar uma crise.
- 3º que o atual governo não manda coisa alguma já que quem continua dando as ordens finais é o senhor JK.(BINÔMIO, 1955, p.3)

Enfim nesta primeira fase da comemoração do 21 de abril a festa serviu bem aos propósitos populistas, pelo menos para Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que se compararam a Tiradentes por se intitularem defensores dos ideais inconfidentes e por levarem os planos destes adiante. Embora não tivesse comparecido João Goulart também foi aproximado deste ideário ao receber, ainda que simbolicamente, a Grande Medalha da Inconfidência, Nada mais apropriado que exaltar um personagem histórico que supostamente não tinha outra vontade senão lutar pelos interesses do povo para compor o ideário de governos que se apoiaram neste mesmo pressuposto para se firmarem.

Os Militares e Tiradentes

Após o golpe que depôs João Goulart o Brasil entrou em um período de ditadura militar. Com perseguições a pessoas ou órgãos que se pronunciassem contra as ações do governo e idas e vindas do Estado de Sítio - supressão do Habeas Corpus - entre outras medidas autoritárias como a implementação de atos adicionais e censura a meios de comunicação o país estava de pés e mãos atadas na luta por reaver seus direitos civis.

Os militares governantes tinham a necessidade, ainda maior que a dos governantes populistas, de promover a aceitação popular por suas intenções. È claro que a censura e as perseguições tiveram papel importantíssimo na promoção da passividade popular, mas não era suficiente. A formulação e a implantação de uma ideologia para fazer a população aceitar e até simpatizar com o sistema de governo então vigente encontrou seu lugar na construção de obras suntuosas como a ponte Rio-Niterói, em músicas ou outras formas artísticas, e em pronunciamentos diretos do governo para o povo.

Neste contexto, a festa de Ouro Preto constituía um prato cheio para a implantação desta ideologia. A prova de que os militares sabiam disto está no retomo da pompa tanto na festa quanto na cobertura jornalística, perdidos após a saída de Juscelino Kubitschek da Presidência da República.

Havia apenas uma semana que o Marechal Castelo Branco tinha sido empossado presidente quando aconteceu a festa de 21 de abril de 1964.

Na primeira página do *Estado de Minas* de 21 de abril de 1964 estava noticiada a comemoração que aconteceria naquele dia sob o título *Falará hoje em Ouro Preto o presidente Castelo Branco*, Castelo Branco chegou acompanhado dos ministros da Guerra e da justiça e seria, é claro, o orador oficial. Percebe-se uma utilização da figura do mártir, não exatamente para reafirmar seu heroísmo, mas para mostrar que o presidente Castelo Branco reconhece o valor do herói. Aliás, o nome de Castelo Branco aparece, gritantemente, mais destacado que o de Tiradentes.

Juntamente com esta matéria também ocupavam a primeira página: *Não basta o anti-comunismo para assegurar a liberdade; Retira-se Kubitschek da cena política até o próximo ano*, onde estava escrito que o ex-presidente queria um tempo para se adaptar ao sistema que acabara de ser implantado; e *Serão revistos vários decretos de Goulart*.

Na quarta página havia um texto chamado *À sombra de Tiradentes* onde o autor dizia que o então sistema de governo teria vindo para promover o retorno da democracia e "o expurgo dos comunistas e corruptos que infelicitavam a nação" já que "apenas uma ridícula minoria, manobrada por organismos espúrios, acreditou em salvação com Jango". (ESTADO DE MINAS, 1964, p,4) Nem parece o mesmo jornal que em 1963 divulgava a condecoração de João Goulart com a Grande Medalha, simbolizando que o povo de Minas Gerais o reconhecia como homem que prosseguiu com os ideais inconfidentes.

O texto não falou muito da Inconfidência. Foi mais uma demonstração da subserviência do jornal *Estado de Minas* ao governo que se iniciava, do que

qualquer outra coisa. Comenta sobre a "ameaça comunista" e indiretamente conclama o povo "pessoas de bem" a perseguirem estes comunistas. Então emenda dizendo: "Era essa a situação geral do país, quando as gloriosas Forças Armadas unidas aos civis democratas, se ergueram unidas e desuniram as bastilhas do ódio e da traição". (ESTADO DE MINAS, 1964, p.4)

Waldemar de Almeida Barbosa escreveu o texto *O espírito de Tiradentes* onde fez uma mini-historiografia da Inconfidência Mineira com tendências, claramente, pro Tiradentes herói. Dividiu os historiadores em três grupos: os primeiros seriam os "deturpadores da importância do Alferes" citando como exemplo Joaquim Norberto; os segundos seriam os que exaltam o mártir, mas sem preocupação com a historicidade dos fatos; e o terceiro "historiadores sérios" que observam as fontes. Concomitantemente, atenta para a possibilidade de haver elementos falsos nas fontes de que se servem os historiadores da Inconfidência. Passa então a falar da coragem do povo mineiro, dos mineiros que lutaram para se libertar de regimes opressores, como no episódio da Revolução de 30 e de Tiradentes e o espírito libertador.

Naquele ano o número de homenageados, entre civis e militares, superou em muito os anos anteriores e Castelo Branco recebeu o título de cidadão ouropretano. O jornal *Estado de Minas* noticiava também uma *Ampliação do significado da data de 21 de abril*, onde através de um decreto assinado por várias autoridades mineiras ficou estabelecido que todo dia 21 de abril todas as cidades mineiras deveriam celebrar missa campal em ação de graças pela liberdade conseguida, e esta data passou a ser o dia oficial da democracia cristã.

A única fotografia na primeira página do *Estado de Minas* de 23 de abril de 1964 era do Marechal Castelo Branco discursando em Ouro Preto.

O presidente fala em Ouro Preto, este foi o título que acompanhava a publicação do discurso de Castelo Branco, que foi um discurso pequeno. Começou falando da grandeza de Tiradentes, passando para o ideal libertador para enfim chegar à "revolução militar de 1964":

(...) toda a nacionalidade continuam fiéis às aspirações daqueles cujos sacrifícios hoje celebramos, para honra do passado e exemplo dos contemporâneos. Fizemos, graças a isso, uma revolução autenticamente nacional do mesmo modo que somente forças exclusivamente brasileiras darão rumo e impulso ao vitorioso movimento. (ESTADO DE MINAS, 1964 a, p.1)

E fechou sua fala dizendo: "O governo que se inicia está certo de não decepcionar o povo".

Fora o discurso do Marechal Castelo Branco, outras notícias mostraram a tentativa do *Estado de Minas* em declarar-se simpático ao governo que se iniciava em 1964. A cobertura da festa do 21 de abril teve como título *Exaltação da democracia a homenagem à memória de Tiradentes*. Na página seguinte estava: *O chefe da nação alvo de manifestações de simpatia na capital e em Ouro Preto*. Não aconteceu nada de extraordinário, as homenagens ao então presidente foram iguais às homenagens prestadas a todos os outros que compareceram às edições anteriores, mas foi retratada como se tivesse sido uma manifestação de imensa satisfação popular jamais vista.

Depois disso tudo, o ainda governador Magalhães Pinto teve seu discurso publicado para fechar a cobertura do dia 21 de abril de 1964. Este comparou o

golpe de 1964 com a Inconfidência dizendo que ambas almejavam a liberdade e o desenvolvimento do Estado brasileiro e em seguida dirigiu-se ao Marechal Castelo

Branco:

Vossa Excelência soube compreender em sua plenitude o sentido da revolução que Minas tomou a responsabilidade de deflagrar. (...) Senhor Presidente, representa mais do que um programa de governo traduz o anseio de todos os brasileiros que desejam ver a pátria servida por homens livres, libertos da ignorância, da miséria e da doença. (ESTADO DE MINAS, 1964 a, p. 12)

Pode-se dizer que o 21 de abril de 1964 fora inteiramente dedicado a mostrar o apoio, incondicional, dos políticos mineiros ao então recém instalado governo, até porque não se sabia o que estava por vir, os políticos mineiros, ao que parece, estavam interessados em conseguir a simpatia do governo federal e o *Estado de Minas* em demonstrar apoio aos novos governantes, talvez temendo ser fechado caso desagradasse à presidência - como aconteceu com o Clube da Lanterna no governo JK.

Fora estes elementos que possibilitam esta leitura para o comportamento do jornal *Estado de Minas* naquela época, deve-se acima de tudo observar que este nunca foi contra governo algum, quando publicava notícias que poderiam desagradar não se posicionava nem contra nem a favor, como foi o caso do problema que Getúlio Vargas teve com a UDN em 1954. A partir de 1964 nem este tipo de notícia pôde ser observado - é claro que não se pode desconsiderar a censura que vigorou durante quase todo o período militar.

No *Estado de Minas* de 21 de abril de 1965 não havia nada sobre as comemorações do dia de Tiradentes, nem sequer a programação. As solenidades de Ouro Preto só apareceram no jornal do dia 23 de abril, mesmo assim na quinta página. O enfoque das duas edições do *Estado de Minas* mencionadas acima foi maior para a guerra do Vietnã e para as reformas realizadas pelo governo Castelo Branco.

Embora a cobertura tenha sido relegada às páginas do interior do jornal, ao que parece esta teve luxo comparável, ou até maior, ao do ano anterior. Houve como acontecia, tradicionalmente, a transferência da capital mineira para Ouro Preto, almoço no Grande Hotel e o episódio do holofote que iluminava a estátua de Tiradentes enquanto os sinos das igrejas repicavam. Antes dos sinos repicarem as luzes apagadas foram aproveitadas para, em frente ao museu da Inconfidência, © *Madrigal Renascentista* apresentar *Aleluia* de Handel.

A única reprodução inteira de discursos foi a de Magalhães Pinto, que aproveitou a oportunidade para falar não da Inconfidência, mas de si mesmo. Relatou seus ideais políticos e sobre sua compreensão pessoal de o que é política e concluiu dizendo que se consideraria julgado positivamente pelo povo se este elegeisse alguém com os mesmos propósitos e planos que ele.

Em 21 de abril de 1965 o *Estado de Minas* não citou a celebração do dia de Tiradentes. Já no dia 21 de abril de 1966 a programação estava no jornal, mas só na segunda seção.

No quarto volume da obra *História sincera da república* Leôncio Basbaum tratou da condição política em que o Brasil se encontrou logo no primeiro dia do

governo do Marechal Castelo Branco. Falo das cassações de mandatos e das perseguições legitimadas pelo Ato Institucional nº 1. Segundo Basbaum este Ato "dava ao governo revolucionário o direito de cassar mandatos ao seu livre critério e suspender direitos políticos de quaisquer cidadãos, por dez anos, sem necessidade de justificação, sem julgamento, sem querer ouvir os condenados e menos ainda dar-lhes direito de defesa".(BASBAUM, 1985 a, p.141) Na primeira página do *Estado de Minas* de 21 de abril de 1966 estava noticiado *Castelo cassa novos mandatos*.

Apesar de a programação das solenidades do 21 de abril de 1966 terem sido relegadas à segunda seção, a cobertura divulgada no dia 23 de abril pelo *Estado de Minas* começava na primeira página, sob o título *Pompa no cenário da Inconfidência* havia uma grande fotografia da Praça Tiradentes na ocasião da festa.

A cobertura completa estava na página 16 acompanhada de duas fotos: uma de Israel Pinheiro — então governador do estado de Minas Gerais depositando a coroa de flores aos pés da estatua; e outra do mesmo condecorando o chefe do Estado Maior do Exército o General Décio Palmério Escobar.

O orador principal foi Luis Viana Filho, então Chefe da Casa Civil, que proferiu discurso, excessivamente, elogioso ao mártir da Inconfidência Mineira.

Tomar-se-ia assim, um dos deuses da nacionalidade, justamente o que simboliza o ideal da nossa emancipação (...). De tal modo que a sua simples presença dá grandeza ao nosso passado e vigor ao nosso futuro. (ESTADO DE MINAS, 1966 a, p. 16).

Além do engrandecimento ao alferes ele fez algumas poucas considerações sobre a ânsia que os brasileiros têm por mudanças e às compara à dos inconfidentes.

Mas foi Israel Pinheiro quem fez em seu discurso um comentário, no mínimo, interessante. Depois de falar sobre a importância da Inconfidência e da vontade heróica que o povo brasileiro herdou da conspiração de 1789 ele pôs-se a falar do ideal republicano:

Hoje, como ontem, somos um povo faminto de futuro e só o conquistaremos na medida que realizarmos a bela aspiração do Tiradentes, a conciliação da República com a liberdade ou, em nossos dias, a conciliação da liberdade com a autoridade. (ESTADO DE MINAS, 1966 a, p.16).

Ao dizer que só conquistaríamos o futuro quando conseguíssemos conciliar liberdade e República, ou Liberdade e autoridade ele deu a entender que o povo ainda não se encontrava livre apesar de ter chegado o período republicano. A necessidade de conciliar liberdade e autoridade pode ser interpretada de várias formas, mas, a meu ver, é impossível haver liberdade com uma autoridade reguladora da mesma. Israel Pinheiro pode ter querido dizer que era preciso aceitar a autoridade vigente para aí definir o grau de liberdade que restava, ou então dizer que a convivência com a autoridade que comandava a República era o caminho condutor para a tão esperada liberdade e tudo era uma questão de tempo.

Para o ano de 1967 o *Estado de Minas* não lançou jornal no dia 21 de abril, mas no dia 22 lá estava na primeira página uma foto da Praça Tiradentes, embora a cobertura só estivesse na quinta página e fosse bastante pequena.

Neste ano o corpo da festa trazia uma novidade. A esposa do governador Israel Pinheiro - Dona Coracy Pinheiro - colocou uma coroa de flores para Marília de Dirceu, no Museu da Inconfidência, com concerto do *Madrigal Renascentista*.

A única fotografia desta página era da solenidade de transferência de capital na Escola de Minas. E o único discurso publicado foi o do então governador Israel Pinheiro, onde este disse que o povo mineiro deveria continuar lutando pelos seus ideais e apoiar o governo Costa e Silva e terminou dizendo "que os ideais da Inconfidência Mineira continuem a inspirar sempre os homens públicos e os cidadãos que se devotam à nobre, à suprema tarefa do engrandecimento de nossa pátria". (ESTADO DE MINAS, 1967, p.5).

O discurso de Israel Pinheiro foi pequeno. Ele falou da Inconfidência apenas para introduzir sua fala, no mais recorreu ao passado somente para comparar seus supostos ideais com o atual presidente, marechal Costa e Silva, e para pedir apoio da população para o governo do mesmo.

Outro ponto da festa do ano de 1967 que merece destaque é o fato de ter havido a homenagem à Marília de Dirceu. Um dos inconfidentes mais importantes, senão o mais, foi Tomás Antônio Gonzaga. Este foi o autor da obra *Marília de Dirceu* na qual ele se colocava sob o pseudônimo de Dirceu e Marília representava Dorotéia, mulher por quem Gonzaga nutria uma certa paixão. Apesar disto ela nada teve haver com a Inconfidência, embora seus restos mortais estejam enterrados no Museu da Inconfidência, na cidade de Ouro Preto.

Acredito que esta homenagem à Marília foi somente um artifício encontrado para encaixar a participação feminina na composição do ideário da comemoração. Algumas mulheres já tinham sido condecoradas com alguma das medalhas oferecidas, mas nenhuma havia participado prestando homenagens. Ninguém mais indicada para cumprir este papel do que a mulher do governador do estado de Minas Gerais. Na ausência de uma figura feminina envolvida no movimento de 1789, Marília de Dirceu despontou como a melhor opção. Foi uma tática interessante para insuflar o orgulho das mulheres que assistiam as comemorações. Agora com os discursos, condecorações e entregas de coroas de flores seria atingida uma parcela maior de espectadores.

Anunciada na primeira página do *Estado de Minas* de 21 de abril de 1968 uma notícia intitulada *Chefe militar prega volta do poder civil*. O chefe em questão era o general Manoel de Carvalho Lisboa. Em entrevista ao jornal este general declarou que achava conveniente o retorno dos civis à concorrência pelo poder.

Tomavam-se cada vez mais recorrentes os ataques à historiografia que aborda a Inconfidência no ano de 1968 veio em um texto, desacompanhado do nome do autor, chamado *Lição de Tiradentes*. O referido texto começa assim:

"Historiadores de nomeada, que chegaram a fazer carreira no mundo das letras, fizeram crer, que mediante interpretação equivocada, que não teria havido a Inconfidência, e, com ela a rebelião de Vila Rica, não fosse a velha ojeriza da gente de Minas contra o fisco. (...) O reverso é que é verdadeiro. Eram os inconfidentes homens profundamente identificados com a obra da construção nacional". (ESTADO DE MINAS, 1968, p.4)

Depois passa a indagar como seria o governo inconfidente caso a conjuração tivesse sido vitoriosa. O autor aposta que seria uma administração memorável, dado ao grau de instrução dos inconfidentes, sobretudo de Tiradentes.

Encerra-se em Ouro Preto a semana da Inconfidência este foi o título da programação do 21 de abril do ano de 1968 publicada pelo *Estado de Minas* no mesmo dia. Concomitante ao episódio cívico, realizou-se em Ouro Preto um evento chamado *V Festival de Arte*, que se encerrava também naquele dia.

Novamente houve deposição da coroa de flores para Marília de Dirceu, por Dona Coracy Pinheiro.

Na edição subsequente à do dia 21 de abril de 1968, onde constava a entrevista do general Lisboa, veio a resposta dos militares. A matéria, *Militares criticam o general Lisboa*, estava na primeira página e relatava que o então ex-comandante da Vila Militar havia emitido sua opinião sobre a entrevista do general. "Embora os militares em geral defendam a redemocratização plena da vida do país a entrevista dada pelo ex-comandante da Vila Militar foi recebida como inoportuna". (ESTADO DE MINAS, 1968 a, p. 1)

A cobertura do dia de Tiradentes em Ouro Preto estava também anunciada na primeira página, mas a reportagem só veio na primeira página do quarto caderno. No meio das notícias sobre a comemoração apareceram alguns feitos do então governador do estado Israel Pinheiro, realizados durante aquele dia - como costumava fazer JK. No dia 21 de abril de 1968, Israel Pinheiro assinou convênio com a prefeitura de Ouro Preto para a construção de um hotel e de uma estrada de

acesso a este hotel, no Parque do Itacolomy, e um decreto colocando sob patrocínio do estado o *Museu Arquidiocesano de Arte Sacra* de Mariana.

Observa-se nestes dois feitos a redescoberta da data do 21 de abril para tornar memoráveis realizações políticas do governo, principalmente, estadual.

Foi reproduzido, apenas, o discurso do orador oficial - o então deputado pelo MDB, senhor Carlos Corta. Na mesma página onde estava escrito um pequeno comentário, redigido pelo jornal, quanto à recepção dos militares sobre o tal discurso, dizendo que o mesmo foi considerado subversivo tanto pelos militares quanto pelas autoridades presentes. Em sua fala o Carlos Cotta disse que se Tiradentes fosse vivo naquele ano, certamente estaria nas praças, nas passeatas contra a violência.

Se ele aqui estivesse estaria ao lado dos seus camaradas, nas milícias ou no exército, a defender o direito do uso da palavra e a garantia da expressão do pensamento.(ESTADO DE MINAS, 1968 a, quarto caderno, p.17)

Casando o discurso com a reação dos militares é possível entender tal reação. Na passagem em que Carlos Cotta fala das passeatas contra a violência é pertinente pensar que este se referia à violência característica dos métodos de dominação utilizados pelo governo naquela época, afinal esperar que Tiradenies - o homem que teria lutado pela liberdade do povo brasileiro - se engajasse nesta luta não pode levai* a outra conclusão.

No trecho transcrito acima o orador usa a palavra "camaradas" que remete ao comunismo, tão combatido pelo governo militar, e, ainda sugere que faria parte das milícias ou do exercito junto com estes camaradas, ou seja, ele faria

parte das milícias de um país comunista, caso estivesse vivo em 1968. E para completar diz que Tiradentes estaria engajado na defesa da liberdade de expressão do pensamento, certamente, criticando a censura exigida pelos governantes.

A cobertura do 21 de abril de 1969, feita pelo *Estado de Minas* de 22 de abril do mesmo ano, veio toda espalhada pelo jornal começando na primeira página - onde se encontrava apenas uma fotografia, passando para a terceira, depois para a décima terceira, décima quarta e terminando na décima quinta.

Na terceira página estava somente o discurso de Israel Pinheiro. Este fora bastante prolixo, mas nada original, embora o jornal tenha lhe dado destaque. Apenas usou a imagem mitológica de Tiradentes para conclamar o povo a se unir em prol do desenvolvimento do Brasil.

Debaixo de uma fotografia que ocupava meia página de jornal estava a programação das solenidades de 1969, tudo sob o título *O 31 de março com a Inconfidência*, O dia 31 de março - dia do golpe de Estado que instalou o regime militar — fazia alusão, justamente, a ala dos militares. O título é uma tentativa de conciliar os dois acontecimentos como se estes tivessem algo em comum. A programação foi repetida em outra página.

O orador oficial foi o então ministro do Tribunal de Contas Abgar Renault. Este proferiu um discurso curto sem alusões à política do governo militar. Simplesmente, Abgar Renault lembrou o passado de glórias de Minas Gerais na época da mineração, falando tanto da região de Vila Rica e de Serro Frio e fez um breve resumo da História oficial sobre o martírio de Tiradentes.

Pela primeira vez em 17 anos de festa o *Estado de Minas* relatou o percurso que a *Tocha da Liberdade* faz até chegar em Ouro Preto, em uma matéria intitulada *Fogo representa todos os ideais para libertação*. Uma semana antes do dia 21 de abril é celebrada uma missa na catedral da cidade de Tiradentes, em seguida o fogo é aceso e segue para São João Del Rei, no outro dia o fogo segue para Barbacena, Ressaquinha, Carandaí, Cristiano Otoni, Conselheiro Lafaiete, Congonhas, Belo Horizonte — aonde a tocha acende uma pira, Itabrito e enfim Ouro Preto.

Em outubro de 1969, o Brasil estava entrando no período mais violento em termos de repressão a adversários políticos. Era a era Médici.

No que tange à cobertura jornalística da festa do 21 de abril, esta passou a ser mais ampla do que já era.

Para o dia 21 de abril de 1970, junto com uma notinha onde estava a lista dos condecorados de Ouro Preto naquele dia, estavam as seguintes manchetes: *Médici repele tutela estrangeira; Nixon anuncia nova retirada - guerra do Vietnã; e Nasa muda Apoio para próximos vôos*.

Nas páginas 4 e 5 estavam as programações do dia de Tiradentes em Ouro Preto. Normalmente, como aconteceu na maioria dos outros anos, o *Estado de Minas* do dia 21 de abril trazia a programação, mas esta não ocupava mais que uma página. Em 1970 a programação - incluindo os textos de exaltação ao mártir - ocupou duas páginas mais a notinha na primeira página.

È importante ressaltar que esta programação citada acima também trazia a agenda das homenagens que seriam prestadas em Belo Horizonte. Mesmo não

sendo exclusivamente ouropretana, o que interessa é o espaço ocupado, traduzindo a relevância dada àquela data cívica, é a preocupação com a demonstração de que os mineiros reverenciam Tiradentes, ou melhor, eles estão preocupados em manter vivo o sentimento patriótico lembrado pelo mártir.

Este sentimento de patriotismo mencionado acima pode ser claramente observado no texto *Herói da liberdade* onde o autor fala de Tiradentes e dos outros inconformistas como pessoas que vislumbraram o futuro democrático que aguardava o Brasil e:

Tiradentes é a encarnação maior do inconformismo e da rebelião contra os governos despóticos. Ele não é só aquele mito das solenidades oficiais. É mais, é muito mais, é um misto de homem e génio, génio e santo, porque livre, magnificamente livre, o herói rompe a solidão do homem. (ESTADO DE MINAS, 1970, p.4)

Não sei como este texto não sofreu nenhum tipo de represália por parte dos militares. Ele não difere muito em conteúdo do discurso proferido por Carlos Cotta em 1968. A questão do "inconformismo e da rebelião contra governos despóticos" é o tipo de declaração que desagradaria ao governo então vigente.

Com uma grande fotografia do palanque montado na Praça Tiradentes de Ouro Preto, na primeira página o *Estado de Minas* começava sua cobertura do dia de Tiradentes de 1970. Na quarta página havia uma charge onde um caipira fumava um cigarro de palha encostado à uma árvore e um atleta passava correndo segurando a tocha da liberdade. Próxima à charge estava a matéria o *Simbolismo do fogo* que explicava que a corrida com o fogo acontecia no Brasil nos dias 21 de abril e 7 de setembro, porque

no Brasil o simbolismo do fogo foi aproveitado inteiramente pela Associação Nacional da Moral e Cívica, que criou a idéia de todos os anos fazer com que uma chama percorresse todos os pontos do país como símbolo do espírito da pátria. (ESTADO DE MINAS, 1970 a, p.5)

Em 1971, a primeira página do *Estado de Minas* trouxe, basicamente, notícias internacionais como *União Árabe é ameaça de mais guerra* e *Rússia leva armas para o Ceilão*.

O então governador do estado de Minas Gerais, por orientação médica, não participou de nenhuma comemoração sendo substituído por seu vice o senhor Celso Machado. Esta informação estava na terceira página junto com a programação.

No quarto caderno havia um texto, no mínimo, curioso sobre a morte de Tiradentes onde o autor, Roberto Mello Silva. Trata-se de um texto chamado *Extra assim morreram os heróis* em que a História é remontada usando-se recursos literários e claramente ficcionais. Roberto Mello da Silva fez uma narração contendo diálogos em que ele conversa com Tiradentes, por exemplo:

O alferes ao me ver entrar na cela perguntou:

- Como está o céu hoje?

- Um pouco nublado. E você?

- Eu estou bem nublado. E riu - foi a primeira vez que o vi rindo.

(ESTADO DE MINAS, 1971, quarto caderno p. 1)

Na edição, do *Estado de Minas*, imediatamente posterior à do dia 21 de abril de 1971, também houve preponderância de notícias internacionais na primeira página: *Rússia e Egito têm novos planos para paz no oriente* e *Nixon*

muda planos para a política de ajuda externa. Entre estas estava: *Ouro Preto, a solenidade da Inconfidência*, com uma foto de Celso Machado na Praça Tiradentes passando as tropas em revista.

As programações daquele ano trouxeram, novamente, a de Ouro Preto e a de Belo Horizonte. De diferente só a vinda de pelotões das cidades de Juiz de Fora, Belo Horizonte e São João Del Rei, em caminhada, para Ouro Preto. Os pelotões desfilaram pelas ruas de Ouro Preto durante as solenidades que antecedem a da Praça Tiradentes.

Embora o governador tivesse sido representado por seu vice, quem leu o discurso foi o Alípio Machado Filho, secretário do governo. O falou da importância do culto ao passado como forma de superação e prosseguimento, depois passa a falar dos motivos que levaram à transferência da capital, quando esta passou a ser Belo Horizonte e a elogiar a cidade de Ouro Preto por seu valor histórico dizendo: "Ouro Preto é o elo entre o passado mais nobre e o futuro mais generoso: sua majestade fortalece os bons propósitos e torna solenes os compromissos".(ESTADO E MÍNAS, 1971 a, p.3)

Rondon Pacheco faz um paralelo entre ele mesmo e suas aspirações para administrar o estado de Minas com as visitas que o inconfidente Joaquim Alvares Maciel, sobre as visitas deste último à Inglaterra para saber das novidades tecnológicas do fim do século XVIII.

Maciel queria fazer do Brasil algo do mesmo gênero, na apropriação generosa do progresso e do bem estar. Os responsáveis pelo governo de Minas agora têm o mesmo propósito, pretendendo que o estado tenha ou

possa ter, que se realize na medida de suas possibilidades. (ESTADE DE MINAS, 1971 a, p.3)

O ano de 1972 superou todos os anteriores em número de condecorações. Foram 129 agraciados que receberam a Grande Medalha, Medalha de Honra ou Insígnia da Inconfidência. A comemoração ainda contou com um show pirotécnico. Tudo porque a data do 21 de abril de 1972 serviu também para abrir as comemorações do Sesquicentenário da Independência que iria até o dia 7 de setembro do mesmo ano.

No jornal *Estado de Minas* de 21 de abril de 1972 tinha uma propaganda desta mega comemoração. A propaganda ocupava a metade de uma folha aberta de jornal e trazia os dizeres *Junte-se a nós no dia 21 de abril. Vai ser uma festa.* Abaixo destes dizeres estavam: quatro fotos de atores da Rede Globo com semblantes felizes - Paulo Gracindo, Glória Menezes, Tarcísio Meira e uma que não reconheci; e um texto falando das comemorações da Independência.

No meio dos classificados, perdido entre os anúncios, havia uma notinha chamada *Um dia na História do Brasil: 21 de abril* Nesta estavam listados fatos que ocorreram no dia 21 de abril como a descoberta pelos portugueses, a morte de Tiradentes e a morte de Dr. Antônio da Silva Pontes, que fez a primeira carta geográfica do Brasil.

Em uma matéria chamada *Médici destaca lição de Tiradentes* - não sei porque este título - estava escrito que o então presidente, general Emílio Garrastazu Médici, iria receber no Rio de Janeiro os restos mortais de Dom Pedro I vindos de Portugal.

O então presidente faria uma declaração, em rede nacional, a ser veiculada pelo rádio e pela televisão às 18:30 do dia 21 de abril de 1972. O *Estado de Minas* publicou, no dia 22 de abril de 1972, o tal discurso na íntegra, mas não publicou os outros por inteiro. Talvez para não ofuscar o brilho da fala do então Presidente da República.

No tão esperado discurso, que foi bem mais curto que a expectativa criada, Médici pediu aos brasileiros que pusessem o interesse nacional acima de qualquer interesse, falou também de Tiradentes e de Dom Pedro I como homens que lutaram pela Independência do Brasil. Terminou falando de outras pessoas que supostamente queria a independência:

Voltamos o pensamento para os que começaram a afirmar-se como brasileiros na expulsão do estrangeiro invasor - para os Guararapes, para Negreiros, para Camarão e Henrique Dias (...) bem como para os heróis ignorados pelo povo, que se deram e que se dão, no silêncio e por inteiro à construção do país.(ESTADO DE MINAS, 1972 a, p. 1)

O orador principal de 1972 foi o então Ministro do Trabalho, Júlio Barata. Segundo o *Estado de Minas*, que não publicou o discurso na íntegra, Júlio Barata, "fez uma evocação do passado, numa prece a Tiradentes ligando a Inconfidência Mineira ao Grito da Independência e lembrando que em seu gesto Tiradentes traçou a imagem da grande nação brasileira hoje". (ESTADO DE MINAS, 1972 a, p.1)

Somente o trecho final do discurso de Barata foi publicado:

Que o poder seja sempre a magistratura; a espada, como em 1964, a lei e a ordem; que a juventude seja a esperança e nunca a desordem; que o trabalho seja riqueza para todos e não para alguns; que nossa presença no mundo seja a afirmação da paz. (ESTADO DE MINAS, 1972 a, p.1)

Quando falou "que a juventude seja esperança e nunca a desordem" acredito que Barata se referia aos movimentos estudantis ocorridos - e tão combatidos - durante o período militar.

O foco principal foi alterado pelo *Estado de Minas* de 22 de abril de 1973. A festa do dia de Tiradentes foi pouquíssimo noticiada. A grande vedete daquele ano foi a páscoa.

Alfredo Buzaid, Ministro da Justiça do governo Médici, foi o orador principal e teve sua foto, no palanque da Praça Tiradentes, publicada na primeira página. O título que acompanha a foto e a matéria sobre o dia de Tiradentes era *Buzaid rememora a Inconfidência*. A reportagem, nada mais era, que uma miscelânea de fragmentos de discursos sem informações precisas sobre nada. Só constava a íntegra do discurso de Rondon Pacheco, que falou apenas da importância do culto aos heróis.

Se hoje, nesta praça realizamos o ato maior deste culto, agora voltado para os inconfidentes mineiros, isso não representa um episódio, mas traduz, visivelmente, a perenidade dos sentimentos de admiração (...) àqueles que se sacrificaram pela emancipação política e administrativa do Brasil. (ESTADO DE MINAS, 1973, p.3)

Embora na maioria das vezes, a festa tenha sido relatada em pormenores, como já foi percebido em algumas foram priorizados outros temas.

1974 foi um ano de baixa na cobertura das comemorações.

O orador principal foi o então Ministro da Educação do governo Geisel, o senhor Ney Braga. Ele foi apresentado a trineta de Tiradentes ao chegar em Belo Horizonte. Durante este acontecimento Ney Braga deu a seguinte declaração: "O governo não cogita da revogação do decreto-íei 477, que prevê a punição de professores e estudantes". O próprio *Estado de Minas* tentou justificar esta ação emendando no mesmo texto: "mas, ao defender a manutenção do decreto Ney Braga foi claro quando disse que sua aplicação só ocorrerá em casos extremos e com muito critério de justiça". (ESTADO DE MINAS, 1974, p. 1)

Entre os acontecimentos previstos para o dia 21 de abril de 1974, estava a inauguração da ampliação do setor ferroviário da Aluminas pelo então governador Rondon Pacheco.

A edição do *Estado de Minas* de 23 de abril de 1974 trouxe a pior cobertura já vista, ainda pior do que a de 1973, quando a festa coincidiu com a época de Semana Santa.

O jornal apenas resumiu o discurso de Ney Braga. Segundo o *Estado de Minas* ele falou que a Inconfidência Mineira lançou sementes para os grandes fatos ocorridos em 1822, 1922, 1945 e 1964 e também responsabilizou a juventude pela continuidade da luta.

As inaugurações feitas por Rondon Pacheco foram o forno 7 e o ginásio da Aluminas - nada consta da ferrovia anunciada anteriormente.

Além destas míseras informações, tinha também duas fotos: a primeira de Rondon passando em revista as tropas na Praça Tiradentes e a segunda de Ney Braga discursando.

O período militar foi o período de mais altos e baixos na cobertura do dia de Tiradentes. Em um mesmo governo, como o de Médici, por exemplo, é possível perceber que em algumas edições a comemoração do 21 de abril obteve maior destaque do que em outras. Normalmente, o primeiro ano de cada governante na presidência do país era mais noticiado, com exceção do ano em que Jânio Quadros foi presidente, e da primeira festa ocorrida com João Goulart na presidência e no primeiro ano do governo Geisel, em todos os outros casos esta afirmação pode ser confirmada.

Para compensar o descaso com as homenagens ao mártir da Inconfidência Mineira de 1973 e em 1974 a cobertura de 1975 foi estrondosa.

Compareceram à festa 9 ministros — sendo o então Ministro da Justiça, Armando Falcão o orador principal - e o então governador do estado de Minas Gerais, Aureliano Chaves. Os outros ministros que compareceram foram: Severo Gomes, da Indústria e Comércio; Geraldo de Azevedo Henning, da Marinha; Mário Henrique Simonsen, da Fazenda; Arnaldo Pietro, do Trabalho; Shigeaki Ueki, das Minas e Energia; Maurício Rangei Reis, do Interior; e Euclides Quant de Oliveira, das Comunicações.

A programação foi publicada pelo *Estado de Minas* no dia 20 de abril, porque naquele ano o dia 21 de abril caiu em uma segunda-feira e às segundas-feiras o jornal não era veiculado. Esta programação começou na primeira página e continuou na terceira.

Uma matéria chamada *A História de Tiradentes e sua família* especula quantos e quais as mães dos possíveis filhos de Tiradentes, falando de Eugênia

Joaquina da Silva, mulher com quem o alferes teria pensado em se casar. Em seguida faz um desmembramento, tipo árvore genealógica, até a sexta geração de Tiradentes considerando os filhos com Eugênia Joaquina da Silva e com Antônia Maria do Espírito Santo e especula também aonde poderiam ser encontrados parentes do alferes: "Enfim, em vários outros lugares de Minas Gerais e outros estados, vivem descendentes de Tiradentes, guardando com carinho seu nome e sua linhagem".(ESTADO DE MINAS, 1975, p.8)

Uma fotografia de aproximadamente 20 centímetros de largura por 15 de altura onde estavam os nove ministros e Aureliano Chaves com o museu da Inconfidência de fundo.

Armando Falcão além de exaltar a memória de Tiradentes relacionou o episódio da Inconfidência com a "bravura" e a preocupação com o bem estar do país inerente aos mineiros.

Em 1789, Minas tomou posição avançada no indiscutível itinerário da nossa independência política. (...) Neste momento em que para Minas se volta o pensamento de toda a nação, em nome do presidente Ernesto Geisel transmito aos mineiros, na pessoa do governador Aureliano Chaves, votos fraternos de paz, bem estar e progresso. Que o Altíssimo inspire sempre os filhos de Minas Gerais no Esforço sem pausa pela felicidade do Brasil. (ESTADO DE MINAS, 1975 a, p.3)

A bravura do povo de Minas Gerais também foi tema do discurso de Aureliano Chaves. Falou de Tiradentes, mas citou outros mineiros, que segundo ele também realizaram atos heróicos:

E não foi sem profundas razões subjacentes que destas montanhas desceram nossos antepassados em 1710. com Antônio Albuquerque, para repelir ousados invasores; em 1930 com Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (...) então declarava à face do país convulsionado que "urgia restaurar o regime republicano e restabelecer a ordem jurídica"; e finalmente a 31 de março de 1964 quando, em comovedora mobilização geral, se desfecha aqui a marcha da liberdade, para recolocar a nação nos parâmetros de suas tradições e nos mandamentos autênticos do progresso dentro da ordem. (ESTADO DE MINAS, 1975 a, p.3)

Depois fecha o discurso falando um pouco das riquezas minerais de Minas Gerais. Mas o que chamou atenção no trecho citado acima foi o fato de Aureliano Chaves ter felicitado o movimento de 1930 pelo restabelecimento da república, considerando que esta revolução veio dar fim à primeira república que se tratou de um período essencialmente militar e autoritário, esta passagem do discurso poderia ter causado sérios problemas ao discursante se este não tivesse conceitado logo em seguida. Chaves inclui na lista de destaques mineiros para o bem maior do Brasil, o episódio do dia 31 de março quando se concretizou o golpe militar.

Concomitantemente à festa do dia 21 de abril realizava-se em Ouro Preto o encerramento do *VII Congresso Brasileiro de Assembleias Estaduais* de 1976.

Na primeira página do *Estado de Minas* de 22 de abril de 1976 estava a manchete: *Rangel pede união em nome de Geisel*. Pelo enunciado percebe-se que o orador oficial foi Maurício Rangel Reis, ministro do Interior do governo Geisel. Nesta matéria constavam fragmentos dos discursos de Rangel e Chaves e uma declaração feita em Brasília pelo então deputado Prisco Viana falando da reunião de deputados em Minas Gerais: "Ela representa uma tomada de posição altamente positiva, capaz, portanto de fortalecer a idéia de todo o apoio do

presidente Geisel, para que ele realize, no prazo possível, o desenvolvimento do projeto político do país". (ESTADO de MINAS, 1976 a, p. 1)

Como aconteceu com o discurso de Aureliano Chaves em 1975 aconteceu novamente tanto no dele quanto no de Rangel: ganchos provocados nas falas sobre a Inconfidência Mineira para exaltar o golpe de 1964 e a condição política em que o Brasil se encontrava naquela ocasião.

Aureliano chegou a citar Geisel por duas vezes. Na primeira incluiu em seu discurso a frase: "O passado de egoísmo não voltará"; e na segunda

Todos quantos querem denegrir a revolução têm que sair do seu cubículo têm que abrir as janelas, têm que ver o que se passa no mundo, e não de concluir, então que o Brasil, dentro de suas dificuldades, é uma das nações mais felizes do universo. (ESTADO DE MINAS, 1976 a, p.3)

Rangel já iniciou sua fala agradecendo a Geisel a oportunidade de falar em Ouro Preto. Em seguida fala dos ideais de emancipação e progresso brasileiros e muda para o golpe de 1964 sugerindo que este compartilhou dos mesmos ideais.

Foi também de Minas Gerais, destas montanhas que ecoou, há cerca de doze anos o brado de basta à anarquia, à desordem, à subversão que iriam mergulhar o país à situação imprevisível de supressão das liberdades, arrastando o Brasil ao jugo de ideologia inaceitável ao caráter brasileiro. (...) A revolução de 1964 recolocou o Brasil no caminho da ordem, da segurança e do progresso. (ESTADO DE MINAS, 1976 a, p.3)

Rangel não falou de outra coisa sem ser elogiar os presidentes do período militar, principalmente Geisel, desde a parte apresentada acima até o último

parágrafo de seu discurso. Terminou dizendo: "Cumpra a toda nação brasileira, sobretudo aos moços, manter viva a chama do patriotismo, seguindo o exemplo do herói que hoje cultuamos".(ESTADO DE MINAS, 1976 a, p.3) Esta frase escolhida para encerrar o discurso de Rangel Reis apresenta problemas quando tenta-se definir quem é o herói em questão. O "dono" da data é Tiradentes, mas em seu discurso Rangel exaltou mais a pessoa do então presidente da república, Ernesto Geisel, do que qualquer outra personagem. Talvez o nome do herói em questão não tenha sido mencionado propositalmente para que a determinação de quem seria este herói ficasse a cargo do ouvinte ou do leitor.

O *Estado de Minas* e a *Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG) estavam entre os 128 nomes da lista de agraciados com as Medalhas da Inconfidência. Sendo que o primeiro receberia a mais importante das medalhas a Grande Medalha da Inconfidência e a UFMG apenas a Insígnia, que dentre os graus de importância é a mais baixa.

O título da parte onde estavam a programação e a lista dos homenageados era *Estado de Minas recebe hoje a Grande Medalha da Inconfidência*. Em seguida há um texto chamado *Herói humano* onde o autor fala dos dias dedicados a pessoas que realizaram grandes feitos, que se transformaram em pura retórica, mas que Tiradentes não se aplica a este quadro porque "sua grandeza mais de avulta se o descermos da estátua". (ESTADO DE MINAS, 1977, p.5)

Novamente o orador oficial foi o então ministro da Educação, Ney Braga.

// Relacionou a conquista da soberania nacional - aspecto que gera discussões

sobre sua real condição até hoje - como sendo um processo iniciado pela Inconfidência Mineira que teria sido a responsável pelo início da luta.

O dia 21 de abril não foi a colheita, mas foi o da semeadura. Naquela manhã de 1792, acordaram o herói do sereno sono em que tinha passado a derradeira noite de sua vida. Ele a grandeza e fez a grandeza do Brasil, marcando com a hora final, o começo de uma nova hora. (ESTADO DE MINAS, 1977 a, p.3)

Aureliano Chaves proferiu um discurso parecidíssimo com seu discurso de 1976. Sem se comprometer com nenhum aspecto político, limitou-se a falar de Tiradentes, de seus feitos e do crescimento industrial de Minas Gerais.

A chuva que caiu sobre Ouro Preto no dia 21 de abril de 1978 comprometeu, aliás, cancelou grande parte da comemoração. A entrega de medalhas foi transferida para o dia 1º de maio nas comemorações do dia do trabalho de Belo Horizonte. Não foram publicados os discursos, embora tenham sido proferidos. A única informação, além da programação que deveria ter sido seguida, foi a de que o orador principal foi o então desembargador presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, o senhor Natal Dias Campos.

Na edição do *Estado de Minas* do dia 21 de abril de 1979, observa-se uma grande e positiva transformação do jornal. As folhas estavam menores, mas a diagramação era melhor e aumentou-se o número de páginas. Foi observada também uma maior, embora tímida, criticidade. As notícias estavam mais objetivas e claras.

Mais uma vez a chuva prejudicou o andamento da festa do 21 de abril e a programação anunciada pelo *Estado de Minas* do dia 21 de abril de 1979, não foi seguida.

O orador oficial escolhido, o então ministro da Educação, Eduardo Portela, não pode proferir seu discurso, assim como também não pode fazê-lo o então governador, Francelino Pereira, mas foram distribuídas aos jornalistas cópias do discurso que faria o orador oficial.

Do referido discurso foi publicado apenas o seguinte trecho:

A rigor devemos falar de um reencontro; porque o encontro de hoje guarda muito da substância, instauradora de ontem, quando nossos antepassados inconfidentes reuniram-se para reclamar por uma nação autônoma, uma cultura viva, uma sociedade justa. A linguagem daqueles dias revigora-se no severo e autorizado da Orno Preto de sempre. Temos a sensação de que o passado e o presente se unem aqui para dar passagem ao futuro. (ESTADO DE MINAS, 1979 a, p.3)

A parte da programação tradicional que foi cumprida foi: a transferência da capital de Belo Horizonte para Ouro Preto; a entrega de medalhas; e Latife Pereira, esposa do então governador de Minas, fez a homenagem à Marília de Dirceu.

1980 foi o ano da grande greve de metalúrgicos no ABC paulista em que o ainda líder sindicalista Luiz Inácio da Silva foi preso juntamente com mais 13 sindicalistas.

No dia 20 de abril de 1980 o *"Estado de Minas"* trazia na primeira página: *Governo não adotará emergência no ABC*, onde estavam anunciadas as prisões e o manifesto dos grevistas que diziam que com ou sem Lula a greve continuaria.

Neste ano em meio a toda esta efervescência política o então presidente João Figueiredo esteve em Ouro Preto para participar das comemorações do dia de Tiradentes. Para o esquema de segurança foram chamados 200 soldados da Polícia Militar e 20 do DOPS, segundo o jornal a idéia era reprimir possíveis manifestações de professores.

Outro esquema de segurança como este só seria visto novamente no governo Sarney em 1989.

Um dos motivos de tanta segurança foi a prisão de um professor universitário.

O Centro Acadêmico Livre da Escola de Farmácia, o Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto, a União Estadual dos Estudantes (UEE) e a União Nacional dos Estudantes (UNE) - divulgaram ontem nota oficial protestando contra a prisão do professor David Maximiliano de Sousa, sob a acusação de que teria em sua casa uma bomba relógio e outros artefatos explosivos. Denunciaram ainda a invasão de diversas repúblicas estudantis por forças policiais. (ESTADO DE MINAS, 1980, p.1)

O outro foi o fato de ter havido manifestação no comício do PMDB realizado em Ouro Preto no dia 19 de abril de 1980, quando, segundo o jornal os manifestantes lançaram gás lacrimogêneo no palanque.

Em seu livro *Brasil: de Castelo a Tancredo*, Thomas Skidmore, trata em uma parte intitulada *Explosões da direita* justamente destes movimentos iniciados em 1980, promovidos por grupos contrários à reabertura política. Donos de bancas de jornal receberam bilhetes exigindo que determinados periódicos tivessem suas vendas proibidas, várias destas bancas - que não atenderam as

exigências - foram destruídas por bombas, em decorrência destes atos numerosas bancas fecharam e revistas e jornais fecharam suas portas devido às dificuldades financeiras. Tudo isso por causa do relaxamento da censura e da consequente veiculação de notícias e idéias diversas dos pressupostos pró-militares. Sem falar da carta-bomba enviada à Ordem dos Advogados do Brasil, que matou uma mulher.

Em seu discurso para o dia de Tiradentes, Figueiredo critica as ações que estariam atrasando a redemocratização do Brasil.

Primeiramente ele conclamou toda a nação a louvar os mártires da Inconfidência e fala de Tiradentes como se o tivesse conhecido.

Hoje é fácil ver com que firmeza, resignação e altivez suportou Tiradentes todos os suplícios e sofrimentos.

Nunca se viu nele resquício de abatimento moral, nem lhe consumiu o peito a amargura e a inveja, apesar de único excluído da graça da soberania.(ESTADO DE MINAS, 1980 a, p.3)

Prossegue em seu discurso comparando a época da Inconfidência com a situação de 1980 quando o Brasil estava prestes a alcançar a reabertura política, e conseqüentemente, passa a falar de suas intenções: "Hoje, tomo o protomártir como testemunha da sinceridade de minhas palavras e penhor da retidão de minhas intenções". (ESTADO DE MINAS, 1980 a, p.3) Fala um pouco da emoção que estava sentindo por estar discursando em Minas Gerais, mas para todos os brasileiros e então retoma a questão central de seu discurso: a reabertura política.

A abertura política que, como candidato, me comprometi a promover aí está para todos verem. Por certo há quem dela prefira servir-se para tumultuar e turvar, profetas da desgraça sempre eminente - mas que, mercê de Deus, temos evitado - esquecem-se de que um governo democrático se fortalece no apoio do povo. Apoio que o povo brasileiro nos tem dado com toda clareza. (ESTADO DE MINAS, 1980 a, p.3)

O então governador do estado de Minas Gerais, Francelino Pereira, proferiu um discurso onde falou da Inconfidência Mineira, mas sem, no entanto, citar o nome de Tiradentes. Foi um texto pequeno sem maiores comprometimentos políticos apenas falou da Inconfidência e fez um "pacto" com o então presidente João Figueiredo pela luta pela liberdade em nome do povo mineiro.

A fala do vice de Figueiredo, Aureliano Chaves, que foi o orador oficial, assim como Francelino falou apenas dos ideais de liberdade e do dia 21 de abril, mas por outro lado, Chaves deu ao *Estado de Minas* uma entrevista, no mínimo curiosa. Ele se esquivou de responder todas as questões que lhe foram feitas. Quando foi questionado sobre uma possibilidade de retrocesso no processo de reabertura política, Chaves disse que não poderia responder em nome do governo, embora fizesse parte dele e muito menos por Figueiredo, Depois quanto a situação dos professores em Minas Gerais, disse que não estava a par dos acontecimentos e que confiava inteiramente no governador Francelino Pereira para resolver qualquer impasse.

Uma matéria localizada na quarta página reclamava da ausência de comemorações cívicas nas escolas com um certo saudosismo e demonstrando preocupação com a memória da geração que frequentava as escolas em relação aos grandes eventos do passado brasileiro.

Ouro Preto recebeu o título de patrimônio Mundial em 1981, no dia 21 de abril. O diretor geral da UNESCO daquela época, Amadou Mathar M'Bow, disse ao *Estado de Minas* que tinha sido uma feliz coincidência o fato de Ouro Preto ser elevada à categoria de patrimônio Mundial da Humanidade justamente no dia em que se comemora o dia do Mártir da Liberdade. M'Bow, recebeu da Câmara de Vereadores de Ouro Preto o título de *Cidadão Honorário* e uma Medalha da Inconfidência - não foi especificado qual o grau da medalha concedida a ele.

O orador oficial foi o ex-ministro das Relações Exteriores do governo Jânio Quadros, Afonso Arinos de Mello Franco. A pauta principal de seu discurso assim como a de todos os outros discursos foi a elevação da cidade de Ouro Preto à categoria de patrimônio Mundial da Humanidade:

Senhoras e senhores estamos em Minas Gerais, na cidade-coração de Minas, elevada hoje às culminâncias de monumento mundial. Aqui, destas altitudes, oferecemos, mais uma vez, ao Brasil, nesta espécie de missa cívica, a memória do seu redentor. (ESTADO DE MINAS, 1981 a, p.3)

Quanto a este tema, Francelino Pereira, lembrou esforços passados para a valorização do patrimônio histórico de Ouro Preto: "Antes, em 1933, Ouro Preto foi declarada Monumento Nacional pelo presidente Getúlio Vargas, e agora declarada pela UNESCO — ante o orgulho dos brasileiros — Cidade Monumento Mundial".(ESTADO DE MINAS, p.3)

A cobertura veiculada pelo *Estado de Minas* de 22 de abril de 1982 foi pequena embora a lista de agraciados com as medalhas fosse bastante extensa, indicando que a festa foi grande.

Farnelino Pereira ressaltou os projetos inconfidentes de criação de fábricas, universidades e de uma imprensa livre, coisa que jamais existiria para o Brasil colonial. Fala da posição do Brasil no *ranking* das maiores economias mundiais - 8ª colocação — e elogia a atuação de Figueiredo como presidente da República: "Estamos promovendo, sob liderança do presidente João Figueiredo, uma corajosa política de desenvolvimento econômico e social". (ESTADO DE MINAS, 1982, p.3)

O então ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Bilac Pinto, foi o orador principal. Este apenas falou dos ideais, já comentados por Farnelino, que os inconfidentes tinham para modernizar o país.

A chuva voltou a marcar presença no dia de Tiradentes no ano de 1983. O orador oficial, então governador de São Paulo, Franco Montoro, que veio a Minas à convite do então governador Tancredo Neves, proferiu seu discurso debaixo de guarda-ehuvas. Montoro falou da dificuldade de aceitação do discurso inconfidente pela sociedade da época em que esta se desenrolou

A mobilização popular, o alargamento da manifestação política além do círculo estreito das elites ilustradas, era visto como irracionalidade, os seus contemporâneos, que viviam no mundo da tranquila consciência da dominação tomaram Tiradentes como louco. Porque pretendeu contar com a sociedade e esforçou-se por animar a participação. (ESTADO DE MINAS, 1983 a, p.2)

Prossegue falando contra a dominação cultural pela qual passava o Brasil em 1983, dizendo que o país precisava de autonomia para decidir como proceder em relação a seus problemas internos.

A superação da dependência cultural, além da dependência econômica é uma exigência fundamental para o nosso desenvolvimento. Pois a capacidade de tomarmos as decisões que nossa realidade exige depende da ruptura com as formas de pensar colonizadas. Nossos problemas possuem realidade própria e exigem soluções, processos e instrumentos adequados a essa realidade. Não podemos promover nosso desenvolvimento econômico e social empregando esquemas europeus ou norte-americanos.(ESTADO DE MINAS, 1983 a, p.2)

Tancredo, por sua vez, teve como ponto mais forte de sua fala o agradecimento à presença do governador do estado de São Paulo e a reafirmação dos laços entre os dois estados - Minas de Gerais e São Paulo.

A presença ilustre de Vossa Excelência neste ato cívico de Minas e da nacionalidade tem, assim, um duplo significado. Traduz a retomada de um elo que a História consolidou entre a gente montanhesa e a gente paulista, ao perfilarem a mesma linha de frente, desde os primórdios da pátria em formação, em etapas e episódios decisivos para a configuração soberana do país.(ESTADO DE MINAS, 1983 a, p.2)

O movimento pelas "Diretas Já" agitavam a vida política do país. Em 1984 o Brasil se preparava para o retomo à democracia.

No dia 21 de abril de 1984, referindo-se à campanha pelas eleições diretas já, Tancredo Neves, na condição de governador de Minas Gerais, afirmou que "aí estão as multidões reivindicando o retorno do país à submissão do princípio da legalidade e da representatividade e se empenhando na lei e na ordem para recuperar totalmente a soberania"(ESTADO DE MINAS, 1984, p. 1)

Foram distribuídas 309 medalhas, número jamais visto nos quadros de homenagens do dia de Tiradentes. Entre os homenageados estavam três governadores de estado: Espiridião Amin, de Santa Catarina; José Richa, do Paraná; e Roberto Magalhães, de Pernambuco. O orador oficial foi o sociólogo Gilberto Freyre.

Neste ano apareceu no jornal *Estado de Minas* o primeiro registro de manifestações no dia 21 de abril:

A cerimônia de encerramento e entrega de medalhas foi realizada na Praça Tiradentes, onde um grupo de estudantes vaiou as autoridades que se dirigiam para o local onde foram homenageadas - defronte ao Museu da Inconfidência. Outros grupos de estudantes manifestaram-se em favor das diretas já para a Presidência da República, aos gritos de "um, dois, três, quatro, cinco, mil queremos eleger o presidente do Brasil"(ESTADO DE MINAS, 1984 a, p.1)

Não foram publicados os discursos, aliás, dos discursos dos três oradores (Tancredo, José Leandro Filho e Gilberto Freyre) somente foi publicado um pequeno fragmento da fala de Tancredo Neves, que já foi citada acima.

Tenho razões para acreditar que ocorreram mais manifestações contrárias ao governo durante as comemorações do 21 de abril nos anos anteriores à 1984, embora só esta deste ano tenha sido noticiada.

Houve aquela no comício do PMDB, mas o comício nada tinha haver com o dia de Tiradentes, apesar de ter se realizado dois dias antes do ato cívico.

É claro que o *Estado de Minas* não divulgaria tais manifestações devido à ferrenha censura que sofriam os meios de informação no período militar. Para

saber se houve alguma demonstração pública de descontentamento, ocorrida nas festas de Tiradentes neste período, uma alternativa seria procurar nas páginas policiais dos jornais locais da época algum registro de represália a "arruaceiros". O que impede a realização desta pesquisa é a ausência de documentos. Nem em Ouro Preto, nem em Belo Horizonte esses jornais locais, referentes ao período militar, foram guardados.

Se realmente aconteceu alguma manifestação esta, certamente, não poderá ser comparada às que ocorreriam no período subsequente, nem em agressividade, nem em vultuosidade e nem em organização. Faço esta afirmação considerando a hostilidade das represálias a opiniões contrárias aos propósitos dos governantes que passaram pelo Brasil entre 1964 e 1984.

O que pôde ser observado é que, na maioria das vezes, os discursos proferidos, tentavam convencer o ouvinte de que o Brasil atravessava a melhor fase política, econômica e social de sua existência; que Tiradentes era um exemplo de patriotismo a ser seguido e que de onde estivesse deveria estar orgulhoso do povo brasileiro e das conquistas feitas pelo Brasil por intermédio do Governo Federal. Esta faceta ideológica identificada nos discursos era destinada, sobretudo à população mineira, já que embora Tiradentes seja considerado herói em nível nacional, a festa ocorria em Minas Gerais, e, conseqüentemente atingia mais diretamente os mineiros.

E assim, o período mais glamouroso por que passou a festa do 21 de abril se encenava. Aparentemente sem transtornos, o que leva a crer que seus propósitos se cumpriram com eficácia.

A Reabertura e Tiradentes

O Brasil entrava em uma nova fase de sua vida política. Saía do extenso período de ditadura militar - que durou vinte anos - e adentrava à tão esperada democracia. Todas as esperanças foram depositadas no presidente recém eleito, Tancredo Neves, que havia sido o último governador do estado de Minas Gerais.

Thomas Skidmore descreveu os sentimentos em relação a Tancredo da seguinte forma:

De baixa estatura, cauteloso, de fala suave e persuasiva, conciliador, político na acepção tradicional, o presidente eleito era visto pelos brasileiros como um novo Moisés, com a missão de conduzir o país do deserto da desesperança para uma nova Canaã. Cada brasileiro via em Tancredo a encarnação de suas aspirações. (SKIDMORE, 1988, p.491)

Tancredo, que estava com 74 anos de idade, demonstrava estar em pleno vigor físico. Nos três meses que antecederam sua posse fez viagens internacionais com fins diplomáticos para preparar o Brasil para quando fosse o presidente e ainda conversou com os grupos organizados contrários aos governos anteriores. Tudo para demonstrar comprometimento com o futuro do país que, por sua vez, dependia dele e de suas boas relações.

Acontece que Tancredo escondia uma doença intestinal, embora estivesse sendo medicado, se negava a fazer o *check up* pedido por seus médicos, certamente, temendo não poder ser empossado, no dia 15 de março de 1985, o

que poderia dar a deixa necessária para grupos opositores impedirem a posse de seu vice, José Sarney.

Na véspera de sua posse, Tancredo não suportando as dores que sentia, fora internado às pressas e preparado para sofrer uma intervenção cirúrgica.

O sofrimento de Tancredo durou até o dia 21 de abril do mesmo ano, quando foi informado que este havia falecido.

Existem rumores de que Tancredo já estaria morto antes do dia 21 de abril, mas a notícia teria sido escondida da população para que esta relacionasse as figuras de Tancredo e Tiradentes.

Não vou entrar nesta discussão, até porque não disponho de elementos suficientes para tanto, mas foram observados nos anos que se seguiram a 1985 que realmente houve esforços para reforçar esta relação mitológica e para criar o mito em torno de Tancredo Neves.

Na primeira página do *Estado de Minas* de 21 de abril de 1985 estava como manchete principal: *Médico americano conclui que Tancredo chegou à fase final*. Abaixo desta matéria, onde constava o parecer médico sobre o estado de saúde do presidente eleito, havia uma outra intitulada *Povo identifica-se com o drama*, falando da comoção popular em relação ao presidente moribundo.

Em todas as versões que se contam sobre a agonia do presidente Tancredo Neves está presente a noção do sacrifício. Ele teria arriscado a própria vida para cumprir os compromissos que assumiu com a nação. (...) Feito mártir e herói da Nova República, Tancredo conseguiu do leito do hospital, unir todo o país e implantar o processo de mudanças reclamado pela campanha das diretas já e viabilizado por seu talento político". (ESTADO DE MINAS, 1985, p.1)

Em decorrência da morte de Tancredo não houve comemoração do dia de Tiradentes em 1985. O *Estado de Minas* do dia 22 de abril de 1985 foi inteiramente dedicado à morte de Tancredo Neves, foram 28 páginas e mais um caderno especial contando a vida do mais novo mártir da nação.

No ano seguinte, 1986, a festa foi transferida para a cidade de São João Del Rei, cidade onde nasceu Tancredo Neves. Não houve transferência de capital do estado, nem homenagem a Marília de Dirceu, da festa tradicional, apenas a entrega de medalhas foi mantida. Inclusive Tancredo Neves foi um dos agiados, recebendo *post-mortem* a Grande Medalha da Inconfidência, que foi entregue à viúva, D. Risoleta Neves.

A partir deste ano a Grande Medalha da Inconfidência passou a ser exclusividade dos chefes de Estado. O *Estado de Minas* falou deste fato como se sempre tivesse sido assim, mas inclusive ele - o *Estado de Minas* — recebeu a Grande Medalha em 1977.

José Sarney também recebeu a Grande Medalha, na condição de presidente do Brasil.

Em seu discurso, Sarney falou mais de Tancredo do que de Tiradentes e quando o fez foi para relacionar os dois "heróis".

A morte de Tancredo Neves, quase duzentos anos depois, nesta mesma data, o seu corpo repousando no mesmo chão onde Tiradentes abriu os olhos para a vida, junta os dois tempos num só tempo, estuário onde os brasileiros recorrem à invocação dos exemplos, para guia e farol das gerações futuras.(ESTADO DE MINAS, 1986, p.3)

Depois de fazer, durante todo seu discurso, a relação entre Tancredo e Tiradentes, Sarney finalizou fazendo homenagem às mulheres, que teriam participado de alguma forma da Inconfidência e à D. Risoleta Neves.

Homens como Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, inconfidentes inspirados e secundados por mulheres, as mulheres da Independência, quase esquecidas, hoje vivas na poesia atrás de nomes dedicados de pastoras: Nise, Marília, Ifigênia, Anarda, Isabel, Juliana, Bárbara Heliodora e nas mulheres da Nova República em D. Risoleta Neves.(ESTADO DE MINAS, 1986, p.3)

Como era de se esperar, o então governador do estado de Minas Gerais, Hélio Garcia também dedicou sua fala a promover a relação entre os dois "mártires".

Quis o destino que nascesse em São João Del Rei, terra natal do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, e que a morte o levasse justamente na data em que foi executado o grande herói e mártir da nossa pátria. (...)

Tiradentes e Tancredo Neves assumiram veemente a opção pela rebeldia construtiva, praticaram a inconformidade para lutar pela liberdade.(ESTADO DE MINAS, 1986, p.3)

Hélio Garcia passou o resto do discurso falando na terceira pessoa do plural. E terminou agradecendo a presença de José Sarney.

Na programação do dia 21 de abril de 1986 foram incluídas uma visita ao túmulo de Tancredo e a inauguração de um busto de bronze do mesmo, na Praça Tiradentes de São João Del Rei. Para este ano foram oferecidas 307 medalhas.

Aécio Neves também discursou, na qualidade de deputado e neto de Tancredo, mas o texto não foi publicado.

A partir de 1986 iniciou-se uma fase em que todos os discursos proferidos nos anos subsequentes aproximavam Tancredo de Tiradentes.

Em 1987 a festa realizou-se em Ouro Preto e Newton Cardoso, então governador de Minas Gerais, foi o orador oficial e seu discurso foi o único a ser publicado.

Tiradentes no seu tempo, e Tancredo Neves, até dois anos atrás, não sonharam apenas com a liberdade política, O Alferes via, no futuro, as fábricas, que seriam constituídas aqui, as universidades, a imprensa livre, a cidadania plena. Na sua pregação democrática, Tancredo também não levava apenas a mensagem de oposição ao regime autoritário. Reconquistada a liberdade política, impunha-se a tarefa de promover a libertação do povo de todas as demais formas de opressão. (ESTADO DE MINAS, 1987 a, p.1)

Em 1987, ocorreu a primeira manifestação nos moldes das manifestações que acontecem em Ouro Preto, nas festas do dia de Tiradentes hoje. Segundo o *Estado de Minas* nenhum dos oradores foi poupado dos gritos e faixas dos manifestantes, sendo que as vaias foram mais intensas na vez de Newton Cardoso.

A equipe da segurança do governador Newton Cardoso preferiu que a primeira dama, Maria Lúcia Cardoso, não acompanhasse o marido na saída do palanque oficial até o carro.(ESTADO DE MINAS, 1987 a, p.1)

Graças às manifestações de 1987, a comemoração de 21 de abril de 1988 foi transferida para São João Del Rei. Newton Cardoso deve ter feito a transferência para evitar o transtorno passado no ano anterior.

Faço esta afirmação baseada no fato de que Newton Cardoso percorreu, em São João Del Rei um caminho alternativo no trajeto do túmulo de Tancredo a Igreja de São Francisco - onde seria a cerimonia da entrega de medalhas, atrasando-a em quarenta minutos - para fugir dos populares.

Segundo se apurou, como o governo temia manifestações hostis, como no ano passado em Ouro Preto, foram traçados três caminhos alternativos, sendo escolhido o mais longo que passa peio contorno de São João.(ESTADO DE MINAS, 1988 a, p.3)

Newton Cardoso não estava enganado, embora fossem poucos manifestantes - cerca de 60 - eles compareceram, mas foram contidos pela polícia e impedidos de chegar ao local da cerimônia. Estes manifestantes, identificados como sendo "liderados pelo PT (Partido dos Trabalhadores)" ficaram confinados na Praça da Estação "e acabaram por divulgar um documento de protesto contra a repressão". (ESTADO DE MINAS, 1988 a, p.3)

A cerimônia teve pouca presença popular, mesmo frente à euforia pela presença do ator Grande Otelo, que receberia uma medalha. Outra personagem do cenário artístico brasileiro que seria condecorado, mas não compareceu, foi o apresentador Silvio Santos, o que, segundo o *Estado de Minas*, causou frustração na população.

O orador oficial, então ministro do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, se mostrou muito agradecido pelo convite. Aproveitou o ensejo de estar em São João Del Rei para discursar no dia de Tiradentes, para continuar a fazer a aproximação entre o alferes e Tancredo.

Se Tiradentes era como o definiu o presidente Tancredo, "aquele herói enlouquecido de esperança", em Tancredo a esperança se mostrava plena de realismo e sensatez. Ele via a grandeza do país como irremovível projeção de nossa gente na história.(ESTADO DE MINAS, 1988 a, p.3)

E encerrou:

Essa liberdade sem a qual não sabemos viver e pela qual valeu até morrer. Como Tiradentes, mártir da Independência. Como Tancredo de Almeida Neves, mártir da democracia. Muito Obrigado.(ESTADO DE MINAS, 1988 a, p.3)

O jornal *Estado de Minas* de 22 de abril de 1988, descreveu que havia uma certa tensão no ambiente em relação à população de São João Del Rei e Newton Cardoso. Repetiu-se a questão da rota alternativa e da repressão aos manifestantes. Acrescentou a estes fatos a questão de que aquela cidade tem por tradição afixar em paredes e postes informativos sobre acontecimentos municipais e estaduais e que nesta data estavam espalhadas notas cobrando promessas anteriores, feitas pelo então governador.

1989, ano do bicentenário da Inconfidência Mineira. O jornal *Estado de Minas* de 21 de abril daquele ano fazia uma comparação entre a situação do país naquela época e a da época da Inconfidência.

No momento em que o Brasil tenta afirmar-se como democracia, em meio a impostos altos, governadores autocráticos e agitação popular, os ideais de justiça e liberdade dos inconfidentes afloram com toda atualidade. (ESTADO DE MINAS, 1989, p.1)

O funcionalismo público estava em greve há 15 dias, quando ocorreu a festa do dia de Tiradentes. Cerca de 4.000 manifestantes compareceram à Praça Tiradentes, mas foram mantidos a 150 metros do palanque oficial pela Polícia Militar, havendo, inclusive, agressões físicas contra os líderes.

A manifestação começou em Belo Horizonte de onde partiram 35 ônibus. Estes ônibus foram parados pela polícia quatro vezes entre Belo Horizonte e Ouro Preto. Na primeira e na terceira paradas os manifestantes desceram dos ônibus cantando o Hino Nacional e fechando a estrada, na quarta os policiais tentaram convencer a caravana a passar por Saramenha. Quando chegaram à rodoviária de Ouro Preto as forças policiais confiscaram legumes, ovos e frutas "que tinham endereço certo: o governador do estado". (ESTADO DE MINAS, 1989 a, p.9) A caravana dos manifestantes foi aplaudida, por populares, por onde passou.

Para fazer a segurança das comemorações de 1989 havia na praça 300 policiais fardados, além de muitos outros à paisana no meio da praça e outros misturados aos manifestantes.

Os líderes dos manifestantes pronunciaram discursos na escadaria da Escola de Minas. Enquanto estes discursos eram aplaudidos um outro grupo vaiava os que estavam sendo proferidos no palanque oficial.

Rosaura Magalhães - presidente da UTE - e Euler Ribeiro - diretor da Coordenação Sindical - foram detidos temporariamente.

Outra ação preventiva que partiu da Polícia Militar foi o fechamento do Restaurante Universitário da Praça Tiradentes. Como se tratava de um

restaurante e a solenidade se deu pouco depois do horário do almoço, os estudantes estavam aglomerados na porta.

Alguns estudantes nem chegaram a almoçar e manifestaram sua indignação dizendo: "A praça é do povo. Como comemorar duzentos anos de liberdade desta maneira? Imagine se o governo fosse comemorar a repressão".

Um outro estudante fez uma declaração que deu a entender que o fechamento do R.U. não foi infundado: "A polícia está atrás do porco (apelido dado pelo povo a Newton Cardoso) que vamos trazer para a praça e já vasculhou até os paralelepípedos e bueiros da rua". (ESTADO DE MINAS, 1989 a, p.10)

Durante a cerimônia oficial o governo tentou disfarçar o protesto, usando som alto, mas os muitos decibéis não foram suficientes para dominar os funcionários públicos, que passaram duas horas vaiando. (ESTADO DE MINAS, 1989 a, p.1)

Das 53 pessoas que seriam agraciadas com as medalhas, 14 não compareceram.

Os discursos não foram publicados na íntegra, apenas fragmentos.

O orador oficial foi o então ministro da Justiça, Oscar Dias Correia. Indiretamente, falou dos movimentos grevistas e pediu aos brasileiros para não deixarem que "os convites à radicalização cindam o país em classes ou categorias quaisquer que sejam". Depois passou a falar do sentimento de liberdade e definindo-o da seguinte forma:

Não é a indisciplina, mas a disciplina, a ordem estabelecida pela lei votada legitimamente pelos representantes do povo, em benefício da comunidade, a limitação ditada pelas imposições da coexistência.(ESTADO DE MINAS, 1989 a, p.3)

A partir de 1988 surge em Ouro Preto o jornal local *O Liberal*. Um jornal com um posicionamento, extremamente, conservador e com formato bem simples, tanto na diagramação, quanto na escolha do papel e na quantidade de fotografias.

De fato o glamour que existiu até o ano de 1984, não existia mais. A crescente onda de insatisfação da população com o governo - fosse estadual ou federal — atraía cada vez mais manifestantes às comemorações de Ouro Preto. A pompa observada no palanque oficial, nos tapetes vermelhos que conduziam a ele, nas bandas de música e outros elementos destinados a enfeitar a solenidade de entrega de medalhas contrastava com os gritos e faixas posicionados do outro lado da praça.

Claramente, contrários a tudo o que presenciavam, os manifestantes promoveram a alternativa de protestar contra o que não estivesse agradando durante um ato cívico do porte da festa do 21 de abril, em que estariam presentes várias personalidades da esfera política nacional.

O Liberal de 1990, trouxe na primeira página uma matéria chamada *Opressão da baderna*. O autor da mesma dizia que "um esquema de arruaça cívica e de protesto" tinha se tornado costume desde o governo do senhor Newton Cardoso e culpa pelos protestos "direitistas, ultra-direitistas, esquerdistas e anarquistas". Nesta matéria aparecem elementos que considerei contraditórios,

porque o autor crítica os manifestantes como se eles estivessem errados, mas também não se mostra favorável à realização do ato cívico e nem ao governo.

Na verdade, o espetáculo do 21 de abril desde início de década, nada teve de cívico, foi mais uma comédia solerte, desdenhosamente encenada pelos avarentos detentores das chaves dos grandes tesouros públicos, que repentinamente se viram à frente de uma fechadura emperrada e sem que os seus gritos de "abre-te sésamo" fossem ouvidos pelo gigantesco gênio da lâmpada furtadeira. (O LIBERAL, 1990, p. 1)

O Liberal nem mencionou o fato de a praça ter sido fechada ao público. Segundo o *Estado de Minas* no dia 21 de abril de 1990, a partir das seis horas daquele dia ninguém poderia circular na praça sem autorização do governo do estado.

Os moradores deram declarações indignadas ao *Estado de Minas* quanto ao fechamento da praça.

O primeiro a falar foi o padre da Igreja do Pilar, Padre Simões, que definiu a festa como: "montagem ocasional, política, demagógica e sem pedagogia popular". Os outros foram um morador da praça que já residia lá há quarenta anos, o comerciante Petrônio de Oliveira e o garçom José dos Anjos Morais. As declarações foram respectivamente: "Quando havia participação popular nenhum governo arrumava esquema para isolar o povo da festa"; e "O governador é um cara-de-pau. Numa crise como esta, com todo mundo reclamando falta de dinheiro, ele gasta uma fortuna dessas e ainda proíbe o pessoal de assistir a festa". (ESTADO DE MINAS, 1990, p.3)

Na terceira página do *Estado de Minas* de 22 de abril de 1990, estava a manchete: *Ouro Preto sitiada no dia da Inconfidência*, as informações contidas nesta matéria eram as seguintes: houve revista a carros na entrada de Ouro Preto; Euler Ribeiro e outros líderes manifestantes foram detidos; e foram apreendidas faixas, cartazes e cédulas para a realização de um "*impeachment*" do governador do estado.

Somente foi permitida a entrada das pessoas que não portassem faixas, bandeiras, ou cartazes, mesmo que estivessem vestidas com camisas que pudessem ser identificadas com algum movimento de protesto. Estas pessoas realizaram o *impeachment* simbólico. Entre 5.158 votantes, 5.153 votaram a favor do *impeachment*, quatro votaram contra e apenas um voto foi nulo.

Para abafar os protestos foram usadas trinta toneladas de caixas de som, ao custo de quase duzentos mil cruzeiros (aproximadamente 8500 reais), além deste montante foram gastos cem mil cruzeiros (aproximadamente 4250 reais) com fogos de artifício.

Nada sobre discursos, agraciados ou mesmo sobre a programação. Em 1990 a grande vedete foi o cerco aos manifestantes.

Talvez por falta de dinheiro, talvez por medo dos protestos ou ainda pelo casamento dos dois motivos, não houve comemoração do dia de Tiradentes em 1991. Pelo menos não em Ouro Preto.

A única notícia que se tem deste ano é que em Belo Horizonte ocorreu uma tímida homenagem ao mártir.

O *Estado de Minas* do dia 21 de abril de 1991 trouxe uma nota explicando que as comemorações não teriam ostentações por causa da situação econômica do estado. Nesta mesma nota falou de Tiradentes e de Tancredo fazendo uma comparação entre os dois e encerrou o assunto:

A reverência à memória de Tancredo e Tiradentes é uma homenagem ao que suas vidas representaram. Mas deve servir para manter acesa a chama de seus ideais. O 21 de abril, antes de ser a data da morte de Tancredo e Tiradentes é o dia de lembrar a todos os brasileiros o quanto importante é defender a liberdade. E este papel, registra a história, cabe à Minas.(ESTADO DE MINAS, 1991, p.3)

Nas eleições que substituíram o governo Sarney, os dois candidatos mais fortes foram Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello. O primeiro líder do Partido dos Trabalhadores e ex-deputado, o segundo ex-governador do estado de Alagoas. A vitória do segundo, que só se definiu no segundo turno e na última hora, levou ao palácio do planalto um presidente que vendia a imagem de juventude, vigor e beleza. Conhecido como "Caçador de Marajás", Fernando Collor de Mello despontou como uma grande promessa para o futuro imediato do Brasil.

Sua primeira obra como presidente da República foi uma das mais arbitrárias já presenciadas em toda a história político-econômica do Brasil. O novo governo simplesmente confiscou todas as cadernetas de poupança, de todos os brasileiros. Vários comerciantes de todas as partes do país faliram, milhares de pessoas viram seus planos desmoronarem. Tudo porque não o dinheiro que tinham no dia anterior não estava mais sob seu poder.

Estes fatos ocorreram no ano de 1990. Collor deveria governar por cinco anos, mas devido à descoberta de escândalos de corrupção envolvendo o presidente da República este foi submetido a investigações e a um processo de *Impeachment*, através do qual seria destituído do cargo, ainda em 1992.

No dia 21 de abril de 1992, Collor receberia a Grande Medalha da Inconfidência, embora já fosse sabido que este não compareceria. O então presidente participou das comemorações de Brasília, que aniversariava naquele mesmo dia, e onde seria inaugurado um busto de Tiradentes e inauguraria um selo e medalhas comemorativas.

Quem recebeu a Grande Medalha da Inconfidência representando Collor foi seu ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

É claro, que ante as tensões acarretadas pela administração de Collor, 1992 contaria com a participação de manifestantes, sobretudo estudantes universitários. As pressões estudantis se deveriam ao fato de que pesquisar nas universidades brasileiras tornou-se, praticamente, inviável.

Como lembrou Florestan Fernandes, o governo Collor chegou a fechar o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) reabrindo-os depois de muito protesto. É sabido que além de contar com instituições estrangeiras o Brasil deveria, aliás, deve valorizar mais a pesquisa essencialmente nacional como forma de conter o atraso científico que apresenta em relação aos outros países. "Dois desafios crônicos permanecem em questão: vencer a satelitização cultural e

multiplicar por mil a pesquisa original inovadora. Se eles não forem sobrepujados, o país continuará condenado ao atraso e ao subdesenvolvimento".(FERNANDES, 1990, p.205)

Os estudantes que foram protestar, mais uma vez, ficaram cercados entre a estátua de Tiradentes e a Escola de Minas. Eles gritavam *slogans* como "Collor é o Joaquim Silvério dos Reis de Hoje", além de músicas de protesto - tudo isso abafado pelo som. Fora este protesto dos estudantes, o jornal (Estado de Minas) diz que a festa transcorreu tranquilamente.

Os discursos de Hélio Garcia e de Marcílio Moreira tiveram fragmentos publicados. O foco principal de ambos os discursos foi a união entre contrários pelo desenvolvimento da nação.

Hélio Garcia fez um apelo "pela paz política e fraternal convivência entre contrários". (ESTADO DE MINAS, 1992 a, p.3) E Marcílio disse que

Urge, pois que todos os brasileiros formemos mutirão de vontades, inteligências e corações para por cima de divergências político partidárias e das diferenças pessoais colaborarmos concretamente, no nosso dia a dia, na construção solidária do Brasil de nossos sonhos.(ESTADO DE MINAS, 1992 a, p.3)

Após o *impeachment* de Collor, foi empossado seu vice-presidente, Itamar Franco. Mineiro, de Juiz de Fora, presidiu o país por, aproximadamente, dois anos.

Em 1993 foi realizado no Brasil um plebiscito para escolher a forma de governo (monarquia ou república) e o sistema (presidencialismo ou parlamentarismo). O país já tinha passado por um processo semelhante quando

teve que escolher entre parlamentarismo e presidencialismo, no governo João Goulart. O plebiscito aconteceu no dia 22 de abril de 1993, e coincidiu com o dia em que deveria vir a cobertura do dia de Tiradentes em Ouro Preto, no jornal *Estado de Minas*. Em consequência disso, a cobertura foi reduzida.

Mas pelo que pôde ser percebido na cobertura do jornal *O Liberal*. A festa não foi grande e nem teve participação popular como vinha acontecendo, embora para este ano tivessem sido preparados atrativos que não estiveram nas programações anteriores.

Entre as inovações ocorridas em 1993, no dia de Tiradentes em Ouro Preto estavam a apresentação da Esquadrilha da Fumaça e a chegada de aviões da FAB que teriam feito o trajeto dos restos mortais de Tiradentes - do Rio de Janeiro a Ouro Preto — quando este foi esquartejado. Também foram depositados, na Igreja de Antônio Dias, os restos mortais vindos da África, dos inconfidentes José dias da Motta, José Resende Costa (pai) e Domingos Vidal Barbosa Lage. Isto aconteceu, porque o presidente do Bicentenário, que também era o presidente da República, o senhor Itamar Franco, havia prometido um enterro cristão aos inconfidentes.

Nem o *Estado de Minas* nem *O Liberal*, publicaram os discursos.

Hélio Garcia não compareceu mandou o Coronel Mário Lúcio Calçado para representá-lo. Itamar Franco também foi representado por um de seus ministros, mas nenhum dos dois jornais informou quem foi o representante.

A estátua de Tiradentes foi restaurada e a inauguração da restauração foi feita no dia 21 de abril de 1994. A restauração custou, segundo o *Estado de*

Minas 12 milhões de cruzeiros, ou 10.067,8 URVs (aproximadamente 28.700 reais).

Também foram inauguradas as iluminações externas das igrejas de São Francisco de Assis, Carmo, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora dos Perdões e Santa Efigênia. Com a promessa de que até o final de 1994 outras sete igrejas e a praça também receberão nova iluminação.

Não encontrei muita informação sobre protestos em Ouro Preto no 21 de abril de 1994. Apenas constava no *Estado de Minas* "manifestantes" vaiaram todos as personalidades que subiram no palanque oficial menos Herbert de Souza (Betinho) e a Juíza Denise Frossard - responsável pela prisão dos bicheiros do Rio de Janeiro.

Numa atmosfera de despedida, Hélio Garcia proferiu seu discurso: "Pela última vez, como governador do estado eleito em 1990, estou aqui em Ouro Preto para me associar às homenagens a Tiradentes e aos inconfidentes".(ESTADO DE MINAS, 1994, p.2) prosseguiu dando continuidade aos apelos feitos por ele nos anos anteriores, nos quais pediu a união nacional em prol do desenvolvimento do país.

Os inconfidentes eram diferentes nas origens sociais. Iguais só no idealismo. Desde o começo percebemos que era preciso concordar sobre as discordâncias. (...)

Sou um defensor público da paz política. Não a paz das cúpulas, mas os acordos voltados para o resgate dos excluídos, e a redefinição de um modelo de Estado que não cometa o engano de achar que pode fazer tudo, enquanto a cidadania espera. (ESTADO DE MINAS, 1994, p.2)

Sobre o fragmento citado acima, gostaria de fazer uma observação. Os inconfindentes não eram tão diferentes em suas origens sociais, apenas Tiradentes não era pertencente a elite da época. Havia realmente discordâncias, mas estas eram internas à organização do movimento e ao contrário do que disse Hélio Garcia elas não eram positivas e nem foram superadas.

Antes do início das solenidades de Ouro Preto de 21 de abril de 1995, Eduardo Azeredo - neste momento governador do estado de Minas Gerais - deu declarações ao *Estado de Minas* se mostrando ciente das manifestações que estavam sendo organizadas contra as reformas, pretendidas pelo governo Fernando Henrique Cardoso, e reafirmando que discursaria em favor delas: "Já é uma tradição de Ouro Preto as manifestações. Nós também vamos nos manifestar em favor das reformas que sabemos ser necessárias". (ESTADO DE MINAS, 1995, p.4)

O então ministro do planejamento, José Serra, foi o orador oficial. Junto com ele vieram a Ouro Preto mais sete ministros: Paulo Paiva, do Trabalho; Odacir Klein, dos Transportes; Gustavo Krause, Meio Ambiente; Clóvis Carvalho, Casa Civil; José Andrade Vieira, Agricultura; Sérgio Motta, Comunicações; e Mauro Pereira, Aeronáutica. Compareceram também os então governadores de estado Antônio Brito (RS) e Marcelo Alencar (RJ).

Assim como Azeredo, Serra defendeu as reformas. O *Estado de Minas* não publicou o discurso, mas deu informações sobre como teria sido:

Segundo José Serra, o objetivo é atingir ao equilíbrio consciente das contas externas, o ajuste duradouro das contas públicas, promover a privatização

criterosa das estatais e ainda lutar pela aprovação das reformas "que, entre outros benefícios desatem as amarras que freiam os investimentos produtivos". (ESTADO DE MINAS, 1995 a, p.12)

Já Azeredo falou que as pessoas que são contrárias à realização das reformas o são por pura desinformação e que se elas soubessem exatamente do que se trata compreenderiam sua necessidade.

Depois da comemoração Azeredo deu seu parecer sobre os manifestantes ali presentes num tom de revanchismo: "Entre os manifestantes estavam algumas pessoas que se candidataram a deputado e não foram eleitas, que representam uma minoria". (ESTADO DE MINAS, 1995 a, p.2)

Entidades dedicam medalha a FHC. Este foi o título que uma matéria contando que a CUT, a CGT e os estudantes fizeram uma medalha de 10 centímetros de diâmetro, feita de prata, com um dólar americano desenhado e avaliada em mil reais seria oferecida à Fernando Henrique Cardoso. O então diretor da CGT Gerson Lima tentou entregá-la a Serra, mas foi impedido. A medalha chamava-se Medalha Joaquim Silvério dos Reis.

Cerca de 3000 manifestantes, em 32 ônibus, compareceram à praça. Eles fizeram um acordo com os coordenadores da solenidade se comprometendo a não ultrapassar a estátua.

"Queremos apenas mostrar que uma parcela da população está contra as mudanças", disse Jô Moraes.

O Liberal nem mencionou os protestos, apenas narrou os acontecimentos oficiais.

No ano seguinte, as caixas de som, destinadas a abafar os protestos, foi eficiente. Tão eficiente que "as poucas pessoas que compareceram só para assistir a cerimônia foram privadas de ouvir o que acontecia no palanque". (ESTADO DE MINAS, 1996 a, p.21)

A praça foi literalmente dividida em duas. De um lado as autoridades, numa solenidade fechada, em praça pública, recebiam as homenagens. De outro professores, estudantes, servidores públicos, sem-terra e sindicalistas isolados pelo som e pelo cordão de policiais. (ESTADO DE MINAS, 1996a,p.21)

Os manifestantes ficaram de costas quando os homenageados subiram no palanque e ficaram agachados durante o Hino Nacional.

Os sindicalistas Carlos Calazans e Carlos Campos disseram que a Medalha da Inconfidência estava se transformando em homenagem aos traidores da nação, justificaram esta afirmação com o fato de que o então governador do Pará - Almir Gabriel - estava na lista de homenageados.

Os motivos das manifestações foram: sucateamento das IFES (Instituições Federais de Ensino Superior); reforma agrária; e a violência contra o MST - que acabava de presenciar o assassinato de colonos em El Dourado de Carajás (PA).

Azeredo aproveitou os acontecimentos daquele ano para falar a favor de uma "reforma agrária com seriedade".

Quando foi vaiado pelos manifestantes do MST, Azeredo disse:

Nesse momento não se pode querer tirar proveito político de dificuldades que não são do presidente, nem do governo do Pará, mas sim uma questão

social. É desta maneira que tem de ser enfrentado. (ESTADO DE MINAS, 1996 a, p.3)

O Brigadeiro Ivan Frota indignou-se com o tratamento dado aos manifestantes - cordão de isolamento e som abafando os protestos - e foi pedir ao governador Eduardo Azeredo que deixasse seguir os protestos. Em resposta o então governador disse: "Este não é o povo. E sim um grupo de baderneiros" e ainda chamou os manifestantes de "baderneiros profissionais". (ESTADO DE MINAS, 1997, p.4)

Nos protestos de 1997 houve nova tentativa de entregar a Medalha Joaquim Silvério dos Reis. Desta vez, além de FHC, Eduardo Azeredo também receberia uma medalha, se os manifestantes tivessem conseguido fazer a entrega.

A Polícia Militar informou que um manifestante, aparentemente, embriagado jogou um boneco em cima de um policial ferindo-lhe o rosto. Dentro do referido boneco estavam várias pequenas bombas de fabricação caseira.

Pedro Malan foi convidado para ser orador oficial. No momento em que fazia seu pronunciamento, foi muito vaiado, alguns manifestantes mostraram as nádegas para ele, que saiu imediatamente do palanque e disse: "O que eu acho absurdo é que as pessoas considerem um governo eleito pela maioria esmagadora da população seja um governo ilegítimo". (ESTADO DE MINAS, 1997, p.4)

Quanto aos discursos a única coisa que se sabe é que Eduardo Azeredo falou sobre a morte do índio Pataxó, Galdino Jesus dos Santos, que morrera queimado, por jovens da classe alta, enquanto dormia nas ruas de Brasília.

Entre as declarações do ex-governador de Minas, Eduardo Azeredo, sobre os protestos que ocorreram, durante sua gestão, nas comemorações do 21 de abril, é impossível encontrar alguma que não seja agressiva. É obvio tanto pela observação do teor destas declarações, quanto pelas tentativas de abafar os protestos, que de algum modo Eduardo Azeredo se sentia ameaçado pelos protestos.

"A manifestação foi resultado da união de radicais com aqueles que não tiveram responsabilidade na gestão do dinheiro público". (ESTADO DE MINAS, 1998, p.14) Foi assim que ele definiu os protestos de 1998.

O Movimento dos Sem-Terra foi impedido de entrar na Praça Tiradentes só conseguindo chegar ao local da solenidade principal do dia de Tiradentes após a realização desta. Eles foram bloqueados, na entrada de Ouro Preto, por três ônibus da polícia. Quando, finalmente, conseguiram entrar na cidade foram aplaudidos pela população local.

Azeredo não mandou fechar a praça, mas como já foi dito impediu o MST de adentrá-la enquanto ocorria a solenidade. O curioso é que ele não achou que bloquear a entrada de manifestantes com ônibus na estrada fosse um ato antidemocrático: "Respeito a democracia. Poderia simplesmente ter fechado a praça. Não o fiz. Lamento que tudo seja fruto de radicais e de trogloditas".(ESTADO DE MINAS, 1998, p.24)

Os estudantes universitários e os professores presentes foram responsáveis pelo protesto de 1998. os primeiros, mesmo a contragosto dos professores da UFOP, penduraram um "falo enorme" em um ponto alto da Escola de Minas,

lugar que poderia ser avistado de qualquer ponto da praça inclusive do palanque oficial e queimaram duas bandeiras dos Estados Unidos.

Fim da era Azeredo, início da era Itamar.

Itamar que teve em seu ministério o então presidente, Fernando Henrique Cardoso, agora brigava com o mesmo pela paternidade do Plano Real. Esta briga já vinha se arrastando desde a campanha que elegeu FHC presidente. Em 21 de abril de 1999, há quase quatro meses de Itamar a frente de Minas Gerais, este já havia decretado a moratória, pela impossibilidade do estado de Minas Gerais em quitar suas dívidas com o Governo Federal e o estado já havia sido multado pelo mesmo.

Para demonstrar todo seu aborrecimento em relação ao então presidente da República, Itamar promoveu em 1999 uma festa como nunca se viu em Ouro Preto, no dia de Tiradentes. Seus convidados foram as personalidades de mais destaque na esquerda brasileira.

No palanque oficial estavam lideranças do MST, da CUT, e da UNE. "Desta vez capricharam no capricharam no discurso contra o Governo Federal", (ESTADO DE MINAS, 1999, p.2) De cima do palanque Vicentinho - líder da CUT - mostrou a Medalha Joaquim Silvério dos Reis.

"Conforme combinado a Polícia Militar acompanhou a festa à distância, embora tenha utilizado um helicóptero para identificar eventuais tumultos".(ESTADO DE MINAS, 1999, p.4) A Praça recebeu cerca de vinte mil pessoas, que vieram apoiar o então governador do estado - Itamar Franco, Apenas o Sindi-UTE protestou contra Itamar, que havia declarado que pagaria o

13º salário, atrasado, em vinte e quatro parcelas. As faixas deste grupo diziam "Moratória sim não a Itamar. 13º já".

O apoio recebido por Itamar se deveu aos convites feitos aos esquerdistas para participar como homenageados das comemorações do 21 de abril de 1999. O que propiciou a identificação do mesmo com esta facção da política brasileira, como pode-se observar nesta fala do então presidente do PT, José Dirceu: "Ele (Itamar) é do PMDB, mas de oposição ao governo neoliberal. Por isso estamos no governo Itamar Franco".(ESTADO DE MINAS, 1999, p.4)

Entre os discursantes estavam os então: presidente de Honra do PDT, Leonel Brizola; presidente do PSB, Miguel Arraes; governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra; e presidente de Honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

Não constava no *Estado de Minas* de 22 de abril de 1999, a publicação integral dos discursos, mas pela leitura dos fragmentos disponíveis foi possível notar a agressividade dos textos. De novo Tiradentes e a Inconfidência Mineira foram deixados de lado em favor da discussão sobre as medidas de Fernando Henrique Cardoso no governo.

Apenas por efeito de comparação Itamar Franco e Lula usaram elementos da História da Inconfidência Mineira. Lula comparou o confisco de 39 milhões de reais, que seriam destinados a Minas se esta não tivesse decretado a moratória, com a derrama, que era a causa principal da Inconfidência Mineira. Já Itamar, comparou o atual presidente a Joaquim Silvério dos Reis e disse que "não raros são os que na atualidade confundem as lições da Inconfidência, suas idéias e seus personagens".(ESTADO DE MINAS, 1999, p.3)

O Brasil comemorava 500 anos de descobrimento no dia 22 de abril de 2000. Naquela semana todas as matérias foram sobre as comemorações de Porto Seguro (BA). Portanto não há registros de que tenha havido festa em Ouro Preto para o dia de Tiradentes.

Parece que os eventos de 1999 acalmaram as esquerdas que promoviam todos os anos grandes protestos em Ouro Preto, porque em 2001 houveram sim protestos contrários à privatização de Furnas, mas segundo o *Estado de Minas* de 22 de abril de 2001 este protesto foi pequeno. O sindicalista Carlos Calazans disse que foi apenas um ensaio para a manifestação programada para o dia do trabalho em Belo Horizonte.

Era possível sentir a expectativa em relação à uma possível candidatura de Itamar à Presidência da República para as eleições de 2002. Os títulos das manchetes do *Estado de Minas* para as matérias de cobertura do dia de Tiradentes eram: *Itamar faz campanha em Ouro Preto*; e *Itamar em ritmo de campanha*.

Em seu discurso Itamar falou de JK e Tiradentes e do compromisso que estes tiveram com o Brasil.

Naquele ano o Ministério Público havia advertido Itamar contra o uso da festa do 21 de abril para fins políticos. Em resposta à advertência Itamar disse:

É lamentável que o Ministério Público confunda a liberdade e os direitos humanos com apologia de candidatura. Esta solenidade não tem cor partidária, não tem ideologia e não pertence a nenhuma candidatura. (ESTADO DE MINAS, 2001, p.12)

A resposta de Itamar foi inteligente, mas é, absolutamente, refutável. Dizer que a solenidade não tem cor partidária, quando tudo o que sempre existiu foi política pura e simples em todos os discursos seja dos manifestantes ou dos discursantes do palanque oficial; que a festa não tem ideologia se desde a primeira edição partindo da escolha do lugar até a dos participantes está mergulhada em ideologia, aliás, em várias ideologias; e por fim, que não pertence a nenhuma candidatura quando nos primórdios da comemoração Juscelino Kubitschek, claramente, usou a festa e as muitas inaugurações realizadas no dia 21 de abril, para reafirmar seu compromisso com o povo mineiro e assim garantir os votos de um dos maiores colégios eleitorais do país.

Itamar que disse em 2001 que o 21 de abril não se tratava de uma festa com fins políticos, pronunciou-se em uma nota onde anunciava seu desgarramento da candidatura de José Serra, que concorreu às eleições presidenciais de 2002: "Minas não pode escolher qualquer presidente, tem que escolher aquele que tenha sentimento de pátria". (ESTADO DE MINAS, 2002, p.2)

O *Estado de Minas* de 22 de abril de 2002 trouxe uma cobertura pequena das comemorações do 21 de abril daquele ano. Só informou que o orador oficial foi o ministro Marco Aurélio de Mello, que em seu discurso Itamar não fez referências diretas a Fernando Henrique Cardoso e que "a oposição, PT, PCs, sindicatos e entidades estudantis sumiram do palanque e da praça". (ESTADO DE MINAS, 2002, p.2)

Em 2002 o jornal *O Liberal* cobriu o 21 de abril mais eficazmente que o *Estado de Minas*. Através da leitura do primeiro e das fotografias divulgadas por

ele observei que houve sim protestos. Talvez o *Estado de Minas* não tenha tratado dos protestos, porque estes não foram dirigidos ao Governo Federal e nem ao Estadual, mas à prefeita de Ouro Preto Marisa Xavier.

As estripulias do PT não têm limites, quando se trata de armar tretas e mutretas com o claro propósito de puxar o tapete de quem não lê por sua cartilha. (...) O golpe sujo mesmo foi armado contra a prefeita Marisa Xavier, mediante a distribuição de camisas (ostentando um arremedo da logomarca de sua administração) que teriam sido pagas pela prefeitura.(...) Podia-se ver perfeitamente debaixo da tinta vermelha do "coração" a logomarca da ETFOP, de onde elas saíram para serem travestidas em material "financiado" pela prefeitura (...) Aliás, a ETFOP tem sido centro de fomentação petista e perdigosa contra tudo. (O LIBERAL, 2002, p. 1)

Por este fragmento é possível perceber que o jornal *O Liberal* se posicionou contra as falsificações, mas também é perceptível que é contra o Partido dos Trabalhadores e que não concorda com o fato de as reuniões deste partido se realizem na Escola Técnica Federal de Ouro Preto.

Certamente, o período compreendido entre 1985 e 2002 foi o mais político de todos. A comemoração do 21 de abril foi palco de intensas manifestações de insatisfação com o governo, principalmente, federal. Exceto, pelas manifestações em homenagem à morte de Tancredo Neves.

Pode-se dizer que o conteúdo dos discursos oficiais foi essencialmente político em detrimento da exaltação a Tiradentes e aos Inconfidentes. As desavenças políticas, os embates dos manifestantes com a polícia e as tentativas de conter os protestos foram o centro das atenções do jornal *Estado de Minas*.

Uma dificuldade encontrada para a realização deste tópico foi a ausência de fontes. Por se tratar de uma fase muito recente, quase presente, da História

brasileira não existe ainda uma bibliografia a respeito, ficando então a cargo do pesquisador remontar os fatos baseando-se em fontes primárias, nesse caso os jornais, e na própria memória.

Outra dificuldade foi encontrar um jornal local para comparar o veículo estadual com o regional. Nenhum dos órgãos, que guardam jornais, procurados tinha em suas coleções jornais de Ouro Preto e/ou região referentes a este período. O único encontrado foi *O Liberal*, que tem seu próprio arquivo, mas se trata de um periódico recente, nascido no segundo semestre de 1988 e que muitas vezes trás uma cobertura insuficiente, talvez por se tratar de um jornal gratuito e semanal.

Mas apesar dos pesares este último tópico cumpriu sua função e demonstrou a importância da festa de Tiradentes no período pós-militar.

Nesta fase o glamour existente nas anteriores foi exclusividade dos convidados oficiais. O que era visto do outro lado da praça era completamente diferente. Os protestos eram justamente por um pouco mais de humanidade dos dirigentes em relação ao sofrimento do povo, que nada tem de glamouroso.

CONCLUSÕES

Como pôde ser percebido houve uma evolução da festa de Tiradentes ao longo dos anos.

Esta começou como meio de divulgação das intenções políticas de Juscelino Kubitschek. O presidente Bossa Nova se serviu da festa que ele mesmo criou para se mostiar preocupado com a memória, para dizer que tinha o olhar voltado para o desenvolvimento e o futuro, embora soubesse que a manutenção das tradições é uma importante base para a identidade popular. Conseguiu a realização deste objetivo realizando inaugurações de obras públicas importantes para o desenvolvimento econômico do país em utilizando-se da imagem do herói nacional — Tiradentes — em uma cidade que respira tradição.

Mais tarde os militares percebendo a influência do mártir inconfidente e o poder que a comemoração exercia sobre o povo — principalmente, mineiro - usufruíram da comemoração de forma espetacular com representações memoráveis. Exaltando Tiradentes, o passado de glórias de Minas Gerais e a si próprios, conseguiram manter a tradição iniciada por JK.

A reabertura política trouxe uma novidade que mudaria por completo os moldes da festa: as manifestações. Tornou-se impossível dissociar as comemorações do 21 de abril em Ouro Preto e os protestos. A população insatisfeita descobriu que a presença das autoridades e a veiculação dos fatos acontecidos nas solenidades eram um meio de chamar atenção para suas causas.

Em decorrência disto os representantes do governo que organizavam a festa perceberam que suas imagens eram denegridas a cada edição. Para frear as manifestações ou pelo menos atenuar seus efeitos os governadores do estado de Minas Gerais deste período não pouparam forças policiais, caixas de som e nem ataques verbais.

Os manifestantes, pessoas ligadas à esquerda, se superavam em organização e agressividade a cada ano. Só deram uma trégua a partir de 1999, quando o então governador, Itamar Franco presidiu o primeiro 21 de abril de seu governo e convidou as lideranças esquerdistas para participar como convidadas no palanque oficial. A mudança de lado na praça, que até pouco tempo era dividida em duas - lugar de manifestantes e lugar de homenageados - acalmou os protestos e promoveu a simpatia destes pelo ex-governador Itamar Franco.

A comemoração cumpre sua função ideológica, além de agradar a população local e as pessoas que vêm de todos os cantos do país para prestigiar a festa ou protestar - não desconsiderando o caráter ideológico do conteúdo dos protestos.

Esta pesquisa é de interesse para várias áreas das Ciências Humanas como a História pela abordagem do período e dos mecanismos desenvolvidos para a legitimação de ideologias que proporcionaram o curso destes fatos, o Jornalismo pela escolha das fontes e pela análise dos elementos que os jornais utilizaram para realizar as coberturas, e Letras por passar pela análise de discurso - não só dos proferidos pelas personalidades convidadas, mas também do discurso jornalístico.

Tiradentes. o dia de sua execução e a cidade de Ouro Preto serviram apenas de motivo e pano de fundo para a concretização de um objetivo muito maior, que sem dúvida pôde e pode ser alcançado dependendo da habilidade de utilizá-los corretamente.

BIBLIOGRAFIA

Livros e periódicos citados e/ou consultados

Anais. *Seminário Tiradentes hoje: Imaginário e política na República brasileira.*

Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo: HUCITEC, 1995.

BARBOSA, W. de Almeida. Prefácio. In: BRANS, Isolde Helena. *Tiradentes face a face.* Rio de Janeiro: Xerox, 1993.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da república - de 1930 a 1960.v.3.* São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1985.

_____. *História sincera da república - de 1930 a 1960.v.4.* São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1985a.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas.* São Paulo: VSP, 1987.

CARDOSO, Míriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento — Brasil:* JK JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas-0 imaginário da República no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEBERT, Guita Grin. *Ideologia e populismo — A.* de Barros, M. Arraes, C. Lacerda e L.Brizola. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

FERNANDES, Florestan. *A transição prolongada - O período pós-constitucional.* São Paulo: Cortez, 1990.

- FONSECA, Thais Nívea de Lima e. Inconfidência Mineira: Mito e História na historiografia. In: COSENTINO, Francisco Carlos & SOUZA, Marco Antônio. *1500/2000 Trajetórias*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 1999.
- GRIECO, Donatelo. *História da Inconfidência Mineira*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- IANNI, Octavio. *A formação do estado populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil - 1500 a 1964*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- JOSÉ, Oíliam. *Tiradentes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- LAMOUNIER, Bolívar (org). *De Geisel a Collor - O balanço da transição*. São Paulo: Sumaré, 1990.
- LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa - A Inconfidência mineira: Brasil e Portugal -1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira - cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- RODRIGUES, Marly. *A década de 50 - Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *História da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio à Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Brasil: de Castelo à Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VILLALTA, Luiz Carlos. *1789-1808- O império luso-brasileiro e os Brasis*. Col. Virando Séculos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Fontes primárias

Binômio. Belo Horizonte: ano 2, n° 42, 26 de abril de 1953.

Binômio. Belo Horizonte: ano 4, n° 67, 1º de maio de 1955.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXIII, n° 9.307, 21 de abril de 1950.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXIV, n° 9.612, 21 de abril de 1951.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXV, n° 9.919, 22 de abril de 1952.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVI, n° 11.358, 21 de abril de 1954.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVI, n° 11.359, 23 de abril de 1954.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVII, n° 11.594, 21 de abril de 1955.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVII, n° 11.595, 23 de abril de 1955.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVIII, n° 11894 e 11895, 21/22 de abril de 1956.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVIII, n° 11896, 24 de abril de 1956.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVI, n° 12197, 21 de abril de 1957.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXVI, n° 12198, 23 de abril de 1957.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXX, n° 12551, 20 de abril de 1958.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXI, n° 12934, 21 de abril de 1959.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXI, n° 12935, 23 de abril de 1959.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXII, n° 13727, 19 de abril de 1960.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXII, n° 13729, 21 de abril de 1960.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXII, n° 13730, 23 de abril de 1960.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXIII, n° 14026, 23 de abril de 1961.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXIV, n° 14320, 21 de abril de 1962.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXIV, n° 14321, 22 de abril de 1962.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXV, n° 10611, 21 de abril de 1963.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXV, n° 10612, 23 de abril de 1963.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXVII, n° 10408, 21 de abril de 1964.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXVII, n° 10409, 23 de abril de 1964.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXVIII, n° 10707, 21 de abril de 1965.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXVIII, n° 10708, 23 de abril de 1965.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXIX, n° 10997, 21 de abril de 1966.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XXXIX, n° 10998, 23 de abril de 1966.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XL, n° 11298, 22 de abril de 1967.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLI, n° 11603, 21 de abril de 1968.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLI, n° 11604, 23 de abril de 1968.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLII, n° 11640, 22 de abril de 1969.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLIII, n° 11946, 21 de abril de 1970.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLIII, n° 11947, 22 de abril de 1970.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLIV, n° 12253, 21 de abril de 1971,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLIV, n° 12254, 22 de abril de 1971.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLV, n° 12560, 21 de abril de 1972.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLV, n° 12561, 22 de abril de 1972.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLVI, n° 12871, 22 de abril de 1973.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLVII, n° 13177, 21 de abril de 1974.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLVII, n° 13178, 23 de abril de 1974.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLVIII, n° 13487, 20 de abril de 1975.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLIX, n° 13488, 22 de abril de 1975.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLIX, n° 13795, 21 de abril de 1976.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano XLIX, n° 13796, 22 de abril de 1976.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano L, n° 14004, 21 de abril de 1977.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano L, n° 14005, 22 de abril de 1977,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LI, n° 14453, 21 de abril de 1978.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LI, n° 14454, 22 de abril de 1978.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LII, n° 14760, 21 de abril de 1979,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LII, n° 14761, 22 de abril de 1979.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LIII, n° 15068, 20 de abril de 1980.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LIII, n° 15069, 22 de abril de 1980,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LIV, n° 15376, 21 de abril de 1981.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LIV, n° 15377, 22 de abril de 1981.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LV, n° 15632, 21 de abril de 1982.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LV, n° 15633, 22 de abril de 1982.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LVI, n° 15882, 22 de abril de 1983.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LVII, n° 16192, 21 de abril de 1984,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LVII, n° 16193, 22 de abril de 1984.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LVIII, n° 16500, 21 de abril de 1985,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LVIII, n° 16501, 23 de abril de 1985.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LIX, n° 16727, 22 de abril de 1986.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LX, n° 17028, 21 de abril de 1987.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LX, n° 17029, 22 de abril de 1987.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXI, n° 17336, 21 de abril de 1988.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXI, n° 17337, 22 de abril de 1988.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXII, n° 17643, 21 de abril de 1989,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXII, n° 17644, 22 de abril de 1989.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXIII, n° 17951, 21 de abril de 1990,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXIII, n° 17952, 22 de abril de 1990.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXVI, n° 18262, 21 de abril de 1991.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXV, n° 18571, 21 de abril de 1992.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXV, n° 18572, 22 de abril de 1992,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXVI, 22 de abril de 1993.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXVII, n° 19204, 22 de abril de 1994.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXVIII, n° 19567, 21 de abril de 1995.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano LXVIII, n° 19568, 22 de abril de 1995.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 69, n° 19932, 22 de abril de 1996.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 70, n° 20287, 22 de abril de 1997,

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 71, n° 20653, 22 de abril de 1998.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 72, n° 21016, 21 de abril de 1999,
ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 72, n° 21017, 22 de abril de 1999.
ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 73, n° 21382, 22 de abril de 2000.
ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 74, n° 21596, 22 de abril de 2001,
ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 75, n° 22112, 22 de abril de 2002.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano I. n° 12, I^a quinzena de abril 1989.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano III. n° 31, I^a e 2^a quinzenas de abril 1990,
O LIBERAL. Ouro Preto: ano VI. n° 55, 2^a quinzena de abril 1991.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano V. n° 79, I^a quinzena de abril 1992. :
O LIBERAL. Ouro Preto: ano V. n° 80, 2^a quinzena de abril 1992,
O LIBERAL. Ouro Preto: ano VI. n° 119, 10 a 19 de abril 1993.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano VI. n° 120, 20 a 30 de abril 1993.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano VIII. n° 203, 10 a 23 de abril 1995.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano XI. n° 336, 06 a 19 de abril 1998.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano XI. n° 337, 20 a 26 de abril 1998.
O LIBERAL. Ouro Preto: ano XI. n° 336, 06 a 19 de abril 1998,
O LIBERAL. Ouro Preto: ano XV. n° 514, 22 a 28 de abril 2002.